



Instituto Universitário da Maia

Filipa Sofia Vilhena Martins

Nº 18580

**Trajelórias droga-crime em indivíduos toxicodependentes
institucionalizados/as em comunidade terapêutica**

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Olga Cruz (Instituto Universitário da Maia)

outubro de 2014



Instituto Universitário da Maia

Filipa Sofia Vilhena Martins

Nº 18580

Trajétórias droga-crime em indivíduos toxicodependentes institucionalizados/as em comunidade terapêutica

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Olga Cruz (Instituto Universitário da Maia)

outubro de 2014

“(...) Normativa e transgressão não constituem universos opostos,
Mas sim a dupla fase dum mesmo fato social”
(Agra, 1997, pag. 35)

Agradecimentos

Terminado este meu percurso acadêmico, não posso deixar de agradecer, de uma forma honesta e sincera, a todos aqueles que me acompanharam neste percurso. Ajudando-me a nunca desistir dos meus objetivos, mesmo nos momentos mais difíceis.

Um especial agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Olga Cruz, por todo o apoio dispensado, ensinamentos, pelos incentivos para fazer mais e melhor e por toda a compreensão ao longo deste percurso.

Um agradecimento muito especial e com muito carinho à minha avó Raquel que tanto me ensinou a crescer como pessoa.

Aos meus pais, muito obrigada, sem eles nada disto tinha sido possível, sempre me apoiaram e confiaram em mim.

A toda a minha restante família, especial ao meu irmão, que tanto apoio me deram, e nunca deixaram de acreditar em mim.

A todos os meus amigos, em especial aos *Spotianos*, que sempre tiveram paciência, me apoiaram incondicionalmente e me ajudaram a nunca desistir, fazendo ver as coisas de forma mais positiva.

A todos/as os/as participantes neste estudo, sem os quais o mesmo não teria sido possível.

A todos, um muito obrigada.

Trajétórias droga-crime em indivíduos toxicodependentes institucionalizados/as em comunidade terapêutica

Resumo

O fenómeno da associação droga-crime permanece de grande relevância atual, quer pela sua incidência e prevalência, quer pelos seus potenciais prejuízos. Tal associação é amplamente reconhecida, mas o consenso dissipa-se quando se trata de explicar a natureza da mesma. Desde o século XX que tem predominado um modelo explicativo que considera que a droga causa o crime, não obstante surjam cada vez mais discursos alternativos que desafiam a linearidade de tal relação causal. Em Portugal, o mais relevante conjunto de estudos a este nível foi concretizado ainda no século XX, sendo relativamente pouca a produção científica nacional em torno da associação droga-crime. De entre esses trabalhos destacamos o de Agra e Matos (1997), no qual é apresentada uma tipologia de trajetórias desviantes droga-crime.

Neste sentido, os objetivos centrais da presente investigação foram compreender se uma amostra de indivíduos toxicodependentes internados/as numa comunidade terapêutica se enquadra na tipologia de trajetórias desviantes droga-crime proposta por Agra e Matos (1997), assim como compreender a perceção dos mesmos sobre tais trajetórias e possíveis relações entre elas. Optou-se, assim, por conduzir uma investigação qualitativa, cujos dados foram recolhidos a partir de entrevistas e analisados através da técnica de análise temática proposta por Braun e Clarke (2006).

Quanto aos resultados, foi consensual entre os sujeitos que o seu percurso de consumo se iniciou com drogas ‘leves’ (canabinóides) e só mais tarde evoluiu para drogas ‘duras’ (cocaína e heroína), consolidando-se num padrão de toxicodependência. Igualmente consensual foi que o consumo de drogas precedeu a sua conduta criminal e que esta ocorria sob o efeito de drogas. De destacar que a maioria dos/as participantes enquadrou-se na trajetória desviante ‘toxicodependente-delinquente’ (os restantes enquadraram-se na ‘especialista droga-crime’) e veiculou a perceção de que, de uma forma geral, a droga é a causa da criminalidade.

Em conclusão, os nossos resultados reforçam a conceção de que droga e crime são dois fenómenos intimamente associados e reproduzem a explicação predominante, nos discursos sociais e científicos, para tal associação: a de que a droga causa o crime.

Palavras-chave: droga; toxicodependência; crime; trajetórias desviantes; associação droga-crime

Drug-crime trajectories in individuals institutionalized in the drug therapeutic community

Abstract

The phenomenon of drug-crime association remains of great current relevance, either by their incidence and prevalence, or by their potential losses. This association is widely recognized, but the consensus dissipates when it comes to explaining the nature of the same. Since the twentieth century that has prevailed an explanatory model that considers the drug causes a crime, nevertheless arise increasingly alternative discourses that challenge the linearity of such a causal relationship. In Portugal, the most relevant set of studies at this level was achieved even in the twentieth century, with relatively little national scientific production around the drug-crime association. Among these we highlight the work of Agra and Matos (1997), in which a typology of deviant drug-crime trajectories is presented.

In this sense, the central objectives of this research were to understand if a sample of hospitalized addicts in a therapeutic community fits the typology of deviant drug-crime trajectories proposed by Agra and Matos (1997), as well as understand the perception of the same on such trajectories and possible relations between them. We have chosen, therefore, for conducting a qualitative research, and data were collected through interviews and analyzed using the thematic analysis technique proposed by Braun and Clarke (2006).

As for the results, it was consensual between the subjects that their consumption path started with 'soft' drugs (cannabinoids) and only later it evolved into 'hard' drugs (cocaine and heroin), consolidating a pattern of addiction. It was also consensual that drugs use preceded their criminal conduct and that this occurred under the influence of drugs. It is to highlight that most of the participants were within the 'addict-offenders' deviant trajectory (the remaining fell into the 'specialist criminal drug') and transmitted the perception that, in general, the drugs are the reason for the crimes.

In conclusion, our results reinforce the idea that drugs and crime are two closely related phenomena and reproduce the prevailing explanation in social and scientific discourses, for such association: that drugs cause crime.

Keywords: *drugs; addiction; crime; deviant trajectories; drug-crime association*

Índice

<i>Introdução</i>	1
<i>Capítulo I – Enquadramento Teórico</i>	2
1. <i>Droga como problema</i>	2
1.1. Concetualização dos termos droga e toxicodpendência	2
1.2. Causas e conseqüências do problema da toxicodpendência	3
2. <i>Droga e crime</i>	5
2.1. Abordagem à problemática droga e crime.....	5
2.2. Caracterização da problemática droga e crime: Dados epidemiológicos nacionais e internacionais.....	6
2.3. Explicações teóricas sobre a relação droga e crime	8
3. <i>Trajetórias Droga-Crime</i>	11
3.1. Delinquente – toxicodpendente	11
3.2. Toxicodpendente – delinquente	13
3.3. Especialistas Droga-Crime	14
<i>Capítulo II – Investigação Empírica</i>	16
1. <i>Método</i>	16
1.1. Objetivos e questões de partida	16
1.2. Metodologia e técnica de análise dos dados	16
1.3. Amostra	17
1.4. Instrumentos e procedimentos	19
2. <i>Resultados</i>	20
<i>Capítulo III – Discussão e conclusão</i>	38
<i>Referências bibliográficas</i>	42

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica dos/as participantes	18
Tabela 2: Temas e subtemas relativos à caracterização do percurso de vida dos/as participantes	20
Tabela 3: Temas e subtemas relativos aos percursos de consumo de drogas ilícitas e de prática de crimes dos/as participantes	22
Tabela 4: Temas e subtemas relativos à associação droga-crime no percurso dos/as participantes	31
Tabela 5: Temas e subtemas relativos ao enquadramento dos/as participantes nas trajetórias desviantes droga-crime de Agra e Matos (1997)	33
Tabela 6: Temas e subtemas relativos às percepções dos/as participantes sobre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes.....	35
Tabela 7: Temas e subtemas relativos às percepções dos/as participantes sobre possíveis associações entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes.....	37

Índice de Anexos

Anexo A: Guião da entrevista semiestruturada
Anexo B: Consentimento informado
Anexo C: Tabela de análise dos dados empíricos

Introdução

Atualmente, a droga e a toxicodependência são um grave e complexo problema social e de saúde pública que desperta o interesse científico (Cardoso, 2001; Ferreira-Borges & Filho, 2004; Fonte, 2007). Este problema existe, desde logo, pelas implicações que a droga e a toxicodependência tendem a acarretar para o indivíduo e para a sociedade em geral (Cardoso, 2001; Chalub & Telles, 2006; Ferreira-Borges & Filho, 2004), ao nível da saúde física e mental, das relações interpessoais, das perdas económicas, dos problemas legais (e.g., práticas criminosas), entre outros (Chalub & Telles, 2006).

Os problemas legais surgem comumente como consequência de crimes cometidos sob o efeito das drogas e/ou para a aquisição das mesmas (Silveira, 2004). A associação da toxicodependência com a criminalidade constitui um profundo e preocupante problema social, levando a que a sociedade desenvolva diversos esforços na sua compreensão e resolução (Joaquim, 2005). Uma forma de tentar compreender este fenómeno foi proposta por Agra e Matos (1997), que consideram a existência de três tipos de trajetórias desviantes droga-crime: delinquentes-toxicodependentes, toxicodependentes-delinquentes, e especialistas droga-crime.

Atendendo à escassez de estudos nacionais e internacionais sobre as trajetórias desviantes droga-crime, sendo o mais relevante concretizado ainda no século XX (Agra & Matos 1997), o presente estudo procura compreender se uma amostra de indivíduos toxicodependentes internados/as numa comunidade terapêutica se enquadra na tipologia de trajetórias desviantes proposta, assim como compreender a perceção dos mesmos sobre tais trajetórias e possíveis relações entre elas.

Para melhor organizar este estudo, compomos esta dissertação em três capítulos. No primeiro expõe-se uma revisão da literatura acerca da temática da droga e suas associações com a prática criminosa, explorando as trajetórias desviantes inerentes. O segundo capítulo compreende a descrição da investigação empírica, onde se apresenta a metodologia adotada e os resultados obtidos. No terceiro e último capítulo, apresenta-se a discussão dos resultados, assim como as principais conclusões, identificando-se também quais as limitações deste estudo e sugestões para trabalhos futuros.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. Droga como problema

A droga e a toxicodependência permanecem atualmente como problemas sociais de grande interesse para a comunidade científica (Fonte, 2007), desde logo por acarretarem diversas implicações, quer para o próprio indivíduo, quer para a sociedade em geral (Cardoso, 2001; Chalub & Telles, 2006; Ferreira-Borges & Filho, 2004). De acordo com um relatório realizado em 2012, (United Nations Office on Drugs and Crime [UNODC], 2014), estima-se que a nível mundial existam entre 162 a 324 milhões de indivíduos que experienciaram drogas ao longo desse ano, sendo que, destes, 16 a 39 milhões são consumidores problemáticos. Dadas estas constatações iremos dedicar este primeiro capítulo a efetuar uma abordagem concetual à problemática da toxicodependência, assim como às causas e consequências a ela associadas.

1.1. Concetualização dos termos droga e toxicodependência

Quando abordamos concetualmente o termo droga, devemos ter em atenção que este se encontra associado a um conjunto de representações tais como doença, insegurança, criminalidade, desvios comportamentais, problemas morais e sociais, perversões, entre outros (Cardoso, 2001).

É amplamente reconhecido que desde sempre o ser humano recorreu ao uso de diversas drogas com o intuito de ter alterações dos estados de consciência (Cruz, 2011; Joaquim, 2005). De facto, as drogas podem ser definidas como substâncias químicas que quando inseridas através de inalação, ingestão ou injeção, possuem potencial para modificar os processos fisiológicos e bioquímicos do organismo, bem como para alterar os processos mentais, nomeadamente humor, perceção, sensações de prazer e de euforia, alívio, medo, dor, entre outros (Organización Mundial de la Salud, [OMS], 1994). Atualmente conhecem-se inúmeras drogas e diversas formas de as classificar. Uma das classificações vulgarmente usada divide este tipo de substâncias em drogas lícitas e ilícitas (Silva, 2004). De entre as primeiras, cujo consumo é socialmente aceite, destacam-se o álcool, o tabaco e a cafeína. Quanto às drogas ilícitas realçam-se, como mais usuais no mundo ocidental, os canabinóides, as anfetaminas, a heroína e a cocaína (Silva, 2004).

Relativamente ao conceito de toxicod dependência ou dependência de substâncias, de acordo com o DSM-IV-TR, este surge essencialmente para caracterizar um padrão de autoadministração repetida de drogas apesar dos problemas significativos relacionados com o mesmo (American Psychiatric Association, [APA], 2011). Já no DSM-5, a categoria de dependência foi agrupada com a categoria de abuso, sendo agora vista como uma única perturbação, medida num *continuum* de leve a grave (APA, 2013).

Por sua vez, Cardoso (2001) refere que este conceito serve para descrever estados de intoxicação crónica como consequência do uso de drogas, ligados a um desejo ou a uma necessidade incoercível de manter o uso apesar dos prejuízos associados, quer para o próprio indivíduo, quer para a sociedade. Não obstante, este autor refere que o indivíduo toxicod dependente apresenta geralmente um padrão comportamental desadaptativo com implicações ao nível de saúde física, psicológica, moral e jurídica.

De acordo com Torres e Gomes (2005), o termo toxicod dependente é utilizado para definir as pessoas que consomem drogas ilícitas de forma abusiva e não aqueles/as que as consomem apenas de forma esporádica. Muitas vezes associado ao conceito de toxicod dependente está o conceito de criminoso, na medida em que associada à dependência de drogas encontra-se frequentemente a prática de crimes, inclusive no sentido de financiar o custo da droga (Torres & Gomes, 2005).

1.2. Causas e consequências do problema da toxicod dependência

Os problemas com o uso de drogas, assim como a vulnerabilidade para a toxicod dependência, surgem geralmente devido a múltiplos fatores, sendo destacados na literatura científica, a disponibilidade das drogas, as influências do ambiente familiar e social, fatores hereditários e de personalidade, episódios traumáticos, entre outros (Schwabe, Dickinson, & Wolf, 2011). Os fatores que levam a esta problemática podem portanto ser diversos e o comportamento de consumo tende também a ser reforçado pelos efeitos agradáveis e de prazer proporcionados pelas substâncias (Fernandes, 1990, as cited in Fonte, 2007). A progressão para a toxicod dependência tende igualmente a estar associada às crenças desenvolvidas pelo indivíduo que consome drogas, tais como as que se relacionam com a minimização da problemática, as expectativas relativamente aos efeitos, a baixa capacidade para lidar com a frustração, e os sentimentos de culpa e de desânimo que muitas vezes levam ao consumo como forma de diminuir o mal-estar sentido (Freeman & Reinecke, 1995, as cited in Fonte, 2007).

Ainda no que concerne ao padrão de toxicodependência, Enoch (2011) considera que o indivíduo após experimentar drogas vê-se envolvido num ciclo contínuo de preocupação e expectativa, compulsão e intoxicação, assim como de abstinência e efeitos negativos associados, levando-o a perder o controlo sobre os consumos e a usar as drogas mesmo tendo conhecimento das consequências associadas.

Uma vez instaurada, a toxicodependência constitui um grave e complexo problema de saúde pública com elevadas repercussões sociais (Cardoso, 2001; Ferreira-Borges & Filho, 2004). Tal como referido anteriormente, este problema assume um considerável impacto negativo, quer para os próprios indivíduos toxicodependentes, quer para as pessoas que os rodeiam, nomeadamente as suas famílias e a própria comunidade (Chalub & Telles, 2006).

Como as drogas se tornam o foco principal da vida destes indivíduos, as primeiras consequências a surgir prendem-se em geral com uma alteração nos estilos e hábitos de vida, assim como com uma quebra das rotinas sociais (Macedo, 2009). Com o tempo, outros prejuízos tendem a manifestar-se, nomeadamente problemas do foro da saúde física e mental, disfuncionalidade nas relações interpessoais, perdas económicas e, por vezes, problemas legais (e.g., violência doméstica, acidentes de trânsito, outras práticas criminosas) (Chalub & Telles, 2006).

Silveira (2004), na revisão de diversos estudos, identificou como consequências associadas ao problema da toxicodependência, inúmeros problemas de saúde física e mental, nomeadamente ansiedade, depressão, ideação suicida, disfunção sexual, isolamento social, alterações de humor, doenças infecciosas. O autor realçou, também, os problemas no âmbito conjugal (e.g., separação ou divórcio), problemas escolares e/ou profissionais, perda de interesse nas atividades da vida diária e problemas judiciais (como resultado, quer dos crimes cometidos sob o efeito das drogas, quer da sua aquisição).

Os problemas judiciais, pelas suas implicações, sempre suscitaram interesse na comunidade científica. Por exemplo, Goldstein (1989, as cited in Estévez & Etnler, 2011), num estudo realizado nos Estados Unidos, refere que a utilização de drogas pode levar ao envolvimento em práticas criminosas devido aos efeitos que essas drogas propiciam, como impulsividade, agressividade, entre outros. Não obstante, de acordo com o autor, esta associação também se pode dever à necessidade de manutenção do consumo de substâncias, surgindo assim uma motivação económica que pode levar o indivíduo a roubar, traficar, entre outros.

2. Droga e crime

Na literatura científica nacional e internacional, é consensual o reconhecimento de uma frequente associação entre o consumo de drogas e o envolvimento em práticas criminosas (Chalub & Telles, 2006; Cruz, 2011; Goldstein, 1989, as cited in Estévez & Etnler, 2011; Silveira, 2004). De facto, estes são dois problemas complexos e preocupantes ao nível da segurança e saúde públicas, quer pela sua alta prevalência, quer pelos prejuízos associados (Chalub & Telles, 2006; Joaquim, 2005). Para uma melhor compreensão desta problemática, exploram-se de seguida algumas das suas características centrais, assim como algumas explicações teóricas para o fenómeno.

2.1. Abordagem à problemática droga e crime

O estudo da associação entre toxicoddependência e criminalidade mostra-se pertinente dado que estes fenómenos, em conjunto, tornam-se um problema ainda mais grave e preocupante para a sociedade (Chalub & Telles, 2006; Joaquim, 2005; Lopes, Mello, & Argimon, 2010). Como se referiu anteriormente, a frequente associação entre o uso de drogas e a criminalidade é reconhecida por diversos autores, que mostram que muitos consumidores de drogas apresentam historial de comportamento violento, atividade criminosa e de condenações (e.g., Stenbacka & Stattin, 2007). Note-se que tal associação é igualmente documentada quando se trata de consumo de drogas legais, em concreto de álcool (Chalub & Telles, 2006).

A título de exemplo, num estudo português, Manita (2000) constatou que a maior parte dos/as consumidores/as de drogas assume a existência da prática criminosa, embora nem sempre sejam capazes de explicar a associação entre os dois comportamentos. Entre os que a explicam, alguns indivíduos referem que a prática criminosa resultou da necessidade compulsiva de aquisição e uso das drogas, das quais estavam dependentes, e outros destacam que o crime ocorreu sob o efeito das drogas (Manita, 2000).

Esta associação droga-crime é muitas vezes entendida como uma relação de causalidade linear, em que um dos fenómenos causa diretamente o outro, embora cada vez mais autores questionem tal linearidade (Cruz, Silva, Pinto, Santos, & Silva, 2014). De acordo com Cruz et al. (2014), o ideal proibicionista, que tem pautado a atuação do mundo ocidental sobre as drogas ilícitas, apoia-se em larga medida num discurso em que a droga é considerada como a causa do crime. A este propósito, desde o século XX que se constata um aumento das

detenções dos/as consumidores/as de drogas ilícitas, assim como da proporção de reclusos/as consumidores/as de drogas (Fernandes & Silva, 2009, as cited in Cruz et al., 2014).

2.2. Caracterização da problemática droga e crime: Dados epidemiológicos nacionais e internacionais

Para caracterizar o fenómeno droga-crime importa referir, desde logo, que a partir da década de 80 houve um aumento da criminalidade relacionada com as drogas, tais como roubos, tráfico e homicídios (Chalub & Telles, 2006).

Em termos nacionais e internacionais, é amplamente reconhecida a frequente relação entre o consumo de drogas e a reclusão (OEDT, 2013; Torres & Gomes, 2005). Constatase que o uso de drogas está comumente relacionado com um aumento da taxa de criminalidade, em particular a taxa de crimes contra a propriedade (Mendes, 2000).

No contexto português, de acordo com o relatório de 2006 da Direção Geral dos Serviços Prisionais (Moreira, 2006), 27,3% da população prisional encontrava-se detida por tráfico de drogas. Ainda neste relatório é referida a possibilidade de a prática de crimes contra a propriedade ou contra as pessoas poder ser condicionada pela necessidade de aquisição de drogas. Num outro estudo, Joaquim (2005) verificou que cerca de 60% dos indivíduos detidos pela Polícia Judiciária em Lisboa cometeram os crimes com o intuito de financiar os consumos de drogas. Neste estudo, o tipo de criminalidade cometida pelos indivíduos toxicod dependentes prendeu-se sobretudo com crimes contra o património ou com crimes relacionados com drogas, nomeadamente o tráfico.

A nível europeu, dados recentes referem que 56% da população prisional já usou pelo menos uma droga ilícita ao longo da sua vida (OEDT, 2013). O Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência (OEDT, 2013), com base em estudos realizados entre 2001 e 2011, constatou que a maioria dos países da União Europeia apresenta prevalências, de consumo de pelo menos uma droga ilícita em reclusos/as, entre os 10% e os 56%. Neste mesmo relatório pode verificar-se que em 2007, em estudos realizados em Portugal, cerca de 36% dos/as reclusos/as usou pelo menos uma droga ilícita durante a sua reclusão.

Ainda em termos internacionais, com base em estudos de diversos países, Stenbacka e Stattin (2007) mostraram que entre 15% a 40% da população prisional apresenta historial de uso de pelo menos uma droga.

Num outro trabalho, conduzido nos Estados Unidos pelo The National Center on Addiction and Substance Abuse at Columbia University (2004, as cited in McCollister, French, Sheidow, Henggeler, & Halliday-Boykins, 2007) é referido que quase 80% dos/as jovens presos/as têm problemas com o abuso de substâncias, apresentando teste positivo a pelo menos uma droga no momento da detenção, prisão devido a violações de leis associadas ao uso de drogas, ou intoxicação por drogas no momento em que cometeram o crime.

Num estudo recente, conduzido nos Estados Unidos da América, mais de metade da população criminosa tem uma história de abuso ou dependência de substâncias (Walters, 2012). A título ilustrativo, num outro estudo, realizado por Darke (2010), verificou-se que mais de metade dos indivíduos homicidas estava intoxicada por uma substância psicoativa no momento do crime, sendo o álcool a substância mais relatada.

A reforçar a dimensão problemática desta associação entre droga e crime, está o facto de cerca de dois terços da população prisional apresentar problemas com drogas quando libertada (West, Sabol, & Cooper, 2009, as cited in Friedmann et al., 2011). Tal facto constitui uma questão crucial para a segurança e saúde públicas, o que exige que seja considerado pelo poder político e pelos organismos com competência para intervir sobre o fenómeno (West, Sabol, & Cooper, 2009, as cited in Friedmann et al., 2011). A necessidade de intervenção a este nível era já referida em 1985 quando, num estudo realizado nos Estados Unidos da América, se tinha verificado que a criminalidade parece diminuir durante os períodos de abstinência do indivíduo toxicod dependente e voltar a aumentar quando este/a recai novamente no uso de drogas (Nurco, Ball, Shaffer, & Hanlon, 1985, as cited in Stenbacka & Stattin, 2007).

Procurando caracterizar os indivíduos com problemas relacionados com as drogas e com o crime, já em 1981, Savage e Simpson (1981, as cited in Comiskey, Stapleton, & Kelly, 2012) tinham desenvolvido um estudo para explorar o uso de drogas e os padrões de criminalidade. Neste estudo verificou-se que os homens apresentavam uma maior prevalência de crimes como assalto e roubo, enquanto as mulheres apresentavam maior frequência nos chamados crimes sem vítimas, nomeadamente a prostituição. Em termos de conclusões, os autores salientaram que neste estudo o principal objetivo dos comportamentos criminosos foi a obtenção de dinheiro no sentido de sustentar o uso de drogas.

A dimensão problemática da associação droga-crime acentua-se perante a constatação de que, não raras vezes, os indivíduos com problemas com o uso de drogas e a prática de crimes apresentam valores elevados de neuroticismo, grandiosidade, manipulação, insensibilidade, impulsividade, irresponsabilidade e níveis inferiores de afabilidade, consciência e controlo dos impulsos (quando comparados com indivíduos com problemas apenas com o uso de drogas ou com a prática de crimes e quando comparados com sujeitos sem problemas a qualquer um destes níveis) (Walters, 2014).

Importa ainda referir que, na literatura científica, o uso de álcool é sempre associado a comportamento agressivo e violento (Weiner et al., 2001, as cited in Valdez, Kaplan, & Curtis, 2007), enquanto o uso de outras drogas, como o haxixe e a heroína, contrariamente às conceções populares, nem sempre está associado a comportamentos criminosos (Miczek et al., 1994, as cited in Valdez et al., 2007).

2.3. Explicações teóricas sobre a relação droga e crime

A associação entre o uso de drogas e a criminalidade é um tema com um longo historial de pesquisa (Löbmann & Verthein, 2009; Valdez et al., 2007), não havendo dúvida sobre tal associação. Contudo, quando se tenta explicar a natureza desta associação surge a incerteza, a confusão e a controvérsia (Walters, 2014). Neste sentido, esta temática é descrita pela comunidade científica como complexa (Stenbacka & Stattin, 2007; Valdez et al., 2007). Globalmente consensual é que esta problemática depende de inúmeros fatores, desde características individuais (e.g, idade, género, etnia, personalidade), até à influência de variáveis sociais (e.g., educação, emprego, apoio social, contexto sociodemográfico) (Valdez et al., 2007).

Uma forma comum de classificar as explicações da associação entre os comportamentos de consumo de drogas e de prática de crimes subdivide-as em três grandes abordagens (Walters, 2012; Wilkins & Sweetsur, 2010).

A primeira é o modelo “droga-crime”, que postula que o uso frequente de drogas e os elevados custos que lhe estão associados levam a que os consumidores cometam crimes aquisitivos no sentido de sustentar este consumo (Walters, 2012; Wilkins & Sweetsur, 2010). Na literatura especializada é sugerido que o uso de alguns tipos de drogas contribui para o comportamento criminoso, inclusive pela dependência e pela ânsia (*craving*), frequentemente associadas à cocaína e à heroína, que potenciam crimes como o roubo, o furto e o tráfico de

drogas (Baumer et al., 1998, as cited in Hendrickson & Gerstein, 2005). Relativamente aos/às consumidores/as de heroína, estes/as tendem a apresentar elevados níveis de atividade criminosa, especialmente relacionada com a necessidade de angariar dinheiro para a aquisição de droga, no sentido de diminuir os efeitos da síndrome de abstinência (Bennett & Holloway, 2009, as cited in Buktenet al., 2011; Maher, Dixon, Hall, & Lynskey, 2002).

De facto, quer em termos científicos, quer ao nível do senso comum, a relação droga-crime é muitas vezes vista segundo o estereótipo de que o comportamento delinvente é resultado da necessidade urgente do toxicodependente de obter meios financeiros para a aquisição de droga (Negreiros, 1997, as cited in Cruz et al., 2014). Como tal, é amplamente difundido, sobretudo ao nível do senso comum, que a droga causa o crime, apesar de as evidências empíricas demonstrarem que esta relação não é linear (Manita, 2000). Destaque-se que modelo de explicação da relação droga-crime tem permanecido hegemónico, quer no discurso social, quer no discurso da comunidade científica (e.g., Cruz et al., 2014).

A segunda explicação é o modelo “crime-droga”, no qual se considera que um estilo de vida criminoso fomenta o uso de drogas, na medida em que estes sujeitos desenvolvem um padrão comportamental caracterizado pela impulsividade e busca de prazer imediato (Walters, 2012; Wilkins & Sweetsur, 2010). Tal comportamento é reforçado pelo facto de que, devido à prática criminosa, muitos destes indivíduos possuem dinheiro para sustentar esta necessidade de prazer imediato que as drogas lhes fornecem (Wilkins & Sweetsur, 2010).

A terceira explicação é o modelo “causa comum”, de acordo com o qual o uso de drogas e a prática criminosa estão associados por fatores causais comuns, tais como perturbação mental, fatores socioeconómicos, delinquência juvenil, desemprego e exclusão social (Walters, 2012; Wilkins & Sweetsur, 2010). Estas abordagens consideram que o crime e o abuso de substâncias não são causalmente relacionados, mas sim mediados por uma associação comum com outros fatores, nomeadamente o comportamento desviante desde a infância, o baixo autocontrolo, o fraco funcionamento executivo e a inserção num ambiente social desorganizado (Walters, 2012).

A este propósito, num estudo realizado na década de 90, Gottfredson e Hirschi (1990, as cited in Conneret al., 2008) referem que a baixa capacidade de autocontrolo que costuma caracterizar os sujeitos que usam drogas e que cometem crimes se traduz num padrão de impulsividade, na medida em que preferem a recompensa imediata, ao invés de adiar a gratificação. Outras das características frequentemente encontradas nestes sujeitos prendem-se com o egocentrismo e/ou a insensibilidade às necessidades dos outros, o temperamento volátil, com baixa tolerância à frustração, e a tendência para um maior envolvimento em

atividades de risco. No seu estudo, Conner e colaboradores (2008), salientam que as características descritas são idênticas, quer para o comportamento criminal, quer para o comportamento de consumo de drogas.

Importa referir que relativamente aos modelos “droga-crime” e “crime-droga”, anteriormente abordados, estes podem ser equacionados como integrando uma mesma perspetiva mais ampla, que estabelece uma relação de causalidade linear entre os dois fenómenos – droga e crime –, quer considerando que o primeiro causa o segundo, quer equacionando o inverso. Esta perspetiva de relação causal droga-crime compreende, por seu turno, três grandes abordagens (cf. Cruz et al., 2014; Hendrickson & Gerstein, 2005).

A primeira corresponde a uma explicação psicofarmacológica, que considera que o indivíduo toxicodependente comete crimes pela influência perturbadora que as drogas provocam a nível cerebral e psicológico (Cruz et al., 2014; Hendrickson & Gerstein, 2005). Como referem Brownstein e Goldstein (1993, as cited in Hendrickson & Gerstein, 2005), a intoxicação pode provocar desinibição, distúrbios cognitivos, alterações perceptivas, ou prejuízo da tomada de decisão e do julgamento, fatores estes que podem levar um indivíduo a cometer um crime que de outra forma não concretizaria.

A segunda explicação, designada por económica-compulsiva, entende que o crime é cometido no sentido de financiar as despesas inerentes à dependência das drogas (Cruz et al., 2014; Hendrickson & Gerstein, 2005). A este nível considera-se existir uma pressão económica para cometer crimes no sentido de sustentar o alto custo do uso frequente e compulsivo da droga (Hendrickson & Gerstein, 2005).

A última explicação consiste numa perspetiva sistémica, para a qual o indivíduo toxicodependente comete crimes porque se vê obrigado a envolver-se no sistema de distribuição de drogas (Cruz et al., 2014; Hendrickson & Gerstein, 2005). Em concreto, considera-se que os crimes relacionados com o uso de drogas resultam das interações negativas estabelecidas nos mercados de drogas, tais como conflitos por território e organização, tráfico, ataques ou roubos a vendedores e/ou compradores de drogas, entre outros (White & Gorman, 2000, as cited in Hendrickson & Gerstein, 2005).

3. Trajetórias Droga-Crime

Agra e colaboradores (e.g., Agra & Matos, 1997) conduziram o mais importante conjunto de estudos portugueses sobre a relação droga-crime (Cruz et al., 2014). Pela importância desta produção científica no nosso país e por permanecer até hoje como uma das poucas produções de grande complexidade e abrangência em Portugal, esta constituiu uma importante base para a presente investigação, pelo que a exploraremos com maior detalhe.

Para o presente trabalho mereceu-nos especial destaque o estudo conduzido por Agra e Matos (1997), com 100 reclusos não primários, toxicodependentes e sem perturbação psíquica, através do método da biografia reconstruída, para explorar a relação droga-crime e tipologias de trajetórias desviantes sob uma perspetiva temporal. Agra e colaboradores (cf. Agra 2008; Agra & Agra, 2012; Agra & Matos, 1997; Matos, 2008) identificaram três trajetórias desviantes: (i) delinquente-toxicodependente (inclui cerca de 50% da amostra); (ii) toxicodependente-delinvente (inclui cerca de 25% da amostra); e (iii) especialistas droga-crime (inclui cerca de 25% da amostra). Além disso, caracterizaram cada uma delas em função do percurso de vinculação social, de uso de drogas, de comportamento desviante e de envolvimento jurídico-penal do indivíduo, subdividindo tal percurso em três ciclos de vida (dos 10 aos 20 anos, dos 20 aos 30 anos e dos 30 aos 40 anos). Descreve-se, de seguida, a caracterização de cada trajetória apresentada pelos referidos autores.

3.1. Delinvente – toxicodependente

Na trajetória delinvente-toxicodependente, a conduta delinvente manifesta-se logo no primeiro ciclo de vida e é anterior a qualquer consumo de drogas.

Neste sentido, a desviância emerge precocemente, em idades iguais ou inferiores a 10 anos para mais de metade dos sujeitos, e costuma traduzir-se em comportamentos de desadaptação escolar e pequenos furtos. Para dois terços dos participantes do estudo de Agra e Matos (1997), tal conduta inicia-se, antes dos 13 anos, com manifestações sistemáticas de comportamentos desviantes. É ainda neste primeiro ciclo de vida que se tende a iniciar o consumo de drogas ‘leves’, com utilizações esporádicas ou regulares que acontecem no seio do grupo de pertença. Quanto ao consumo de drogas ‘duras’, apenas um terço dos sujeitos deste grupo as utilizam em algum momento das suas vidas. Neste primeiro ciclo de vida, cerca de um terço destes indivíduos passa pela primeira experiência de controlo social formal, da responsabilidade dos tribunais de menores, sendo encaminhados para instituições com o

intuito de se intervir e conter os comportamentos desviantes característicos desta fase de vida (e.g., vadiagem e pequenos furtos). Ainda relativamente ao primeiro ciclo de vida e em particular ao nível de vinculação social, a maioria dos sujeitos deste grupo começa por se afastar da família de origem, mas no final deste ciclo, grande parte já se encontra vinculado à sua família de origem, alguns estão integrados em instituições e há ainda quem não possua qualquer enquadramento familiar ou institucional. Muitos substituem a família pelo grupo de pertença e os restantes ligam-se à família como meio de socialização paralelo. Ao nível ocupacional, neste ciclo, os sujeitos tendem a apresentar falta de aproveitamento, absentismo e indisciplina escolar, e o abandono da escola ocorre em média aos 13 anos. Quanto ao percurso laboral, estes sujeitos tendem a iniciá-lo maioritariamente entre os 14 e os 16 anos, com atividades não qualificadas.

Quanto ao segundo ciclo de vida, um terço destes sujeitos afasta-se das famílias de origem e dois terços constituem famílias próprias. No final deste ciclo, é típico estes indivíduos abandonarem quase por completo o contacto com a família de origem. Quanto ao percurso ocupacional, são poucos os sujeitos que retomam a escola nesta fase da vida, e os que o fazem ingressam sobretudo em cursos nas prisões, além de apresentarem um percurso laboral irregular, com longos períodos sem atividade profissional. O comportamento desviante destes indivíduos tende a aumentar no segundo ciclo de vida e a maioria pratica crimes aquisitivos, nomeadamente roubo e furto. Nesta fase de vida já quase todos os sujeitos consomem drogas ‘leves’ e a utilização de drogas ‘duras’ é aqui iniciado por quase dois terços da amostra de Agra e Matos (1997). Igualmente comum nesta fase é a intervenção do sistema de controlo social formal, em especial com a aplicação de penas não privativas da liberdade (e.g., liberdade condicional).

Relativamente ao terceiro ciclo, estes sujeitos tendem a apresentar desvinculação familiar, quer com as famílias de origem, quer com a família constituída. O grupo de pertença também costuma deixar de existir, pois o consumo de drogas ‘duras’ torna-se intenso e compulsivo. Ao nível ocupacional, mais de metade destes sujeitos não tem atividade profissional. Os comportamentos desviantes, neste ciclo, passam a ser essencialmente roubos e furtos e seguidamente o tráfico. Quanto às intervenções jurídico-penais estas fazem-se sentir sobretudo com penas privativas de liberdade (mais do que com penas não privativas de liberdade).

3.2. Toxicodependente – delinquente

Nesta trajetória, a utilização frequente de drogas é anterior ao comportamento delinquente, que tende a surgir oportunisticamente como forma de sustento financeiro da dependência (Agra & Matos, 1997).

No primeiro ciclo de vida destes indivíduos, a sua vinculação social é fundamentalmente caracterizada por ruturas com as famílias de origem, embora no final do mesmo quase todos já se encontrem integrados em famílias. Nesta altura o grupo de pertença tende a sofrer alterações, ocorrendo o abandono dos amigos de infância e a vinculação a grupos com práticas de utilização de drogas. Para metade destes sujeitos o percurso escolar é regular, embora praticamente todos abandonem a escola antes dos 16 anos, por variados motivos, como absentismo, dificuldades económicas e/ou de aprendizagem e falta de motivação. O seu percurso laboral normalmente inicia-se neste ciclo de vida e com atividades laborais indiferenciadas. Para todos os sujeitos deste grupo é nesta fase que se inicia o consumo, com drogas ‘leves’, maioritariamente entre os 11 e os 19 anos. Apenas menos de um quinto da amostra do estudo de Agra e Matos (1997) inicia o consumo de drogas ‘duras’ neste ciclo de vida. Também a conduta desviante tende a começar nesta fase, maioritariamente entre os 17 e os 19 anos, com roubos, furtos e tráfico de drogas. Neste ciclo de vida, a intervenção das instâncias formais é quase inexistente, havendo pouco controlo social sobre o comportamento destes indivíduos.

No segundo ciclo de vida, a vinculação social destes indivíduos é caracterizada por um grande número de quebras com as famílias de origem e dois terços constituem família própria. Relativamente aos grupos de pertença, estes começam cada vez mais a ser caracterizados pelo consumo de drogas ‘duras’ e pela delinquência. Para a maioria destes sujeitos o percurso laboral decorreu sem irregularidades, mas paralelamente é mantida uma atividade criminal, sobretudo de tráfico de drogas. Neste sentido, a sua conduta delinquente tende a traduzir-se numa carreira criminal relacionada com o tráfico de drogas e outros crimes, como roubo, furto, entre outros. Nesta fase de vida já todos os sujeitos são consumidores de drogas ‘leves’ e alguns iniciam a utilização de drogas ‘duras’. Além disso, os indivíduos tendem a experienciar intervenções do sistema de controlo social formal, sobretudo com penas não privativas da liberdade.

Quanto ao terceiro ciclo de vida, estes indivíduos costumam demonstrar uma ligação à família de origem. O seu grupo de pertença anterior tende a desaparecer, já que estes sujeitos passam a integrar grupos delinquentes com o intuito de conseguir recursos para o consumo.

Mais de metade dos participantes do estudo de Agra e Matos (1997) apresentam um percurso laboral irregular ao longo desta fase. Além disso, o seu consumo de drogas intensifica-se e a sua conduta delinquente caracteriza-se sobretudo por crimes de tráfico, roubos e furtos. Neste ciclo de vida, mais de metade dos sujeitos já havia sido condenada a mais do que uma pena de prisão.

3.3. Especialistas Droga-Crime

Nesta trajetória, a conduta desviante inicia-se com a utilização de drogas ‘leves’ (em concreto os canabinóides), progride para as atividades criminais e só posteriormente se verifica o consumo de drogas ‘duras’ (nomeadamente a cocaína e a heroína).

No primeiro ciclo de vida, ao nível da vinculação social, mais de metade dos sujeitos abandona a família de origem e constitui o seu próprio agregado familiar, enquanto cerca de um terço nunca quebra as relações familiares. No final deste ciclo, quase todos os indivíduos têm uma forte vinculação familiar, metade com as famílias de origem e metade com as famílias construídas. Os grupos de pertença correspondem essencialmente a grupos de utilizadores ocasionais ou regulares de drogas, no seio dos quais estes sujeitos iniciam o seu próprio consumo. Quanto ao seu percurso laboral este tende a começar antes dos 16 anos e a pautar-se por irregularidades. Em termos escolares um quarto destes sujeitos teve um percurso regular e mais de um quarto começou a manifestar comportamentos inadequados (e.g., absentismo, reprovações, indisciplina), tendo todos eles abandonado a escola por vários fatores, nomeadamente falta de motivação, o consumo de drogas e os problemas económicos e de aprendizagem. Relativamente à conduta desviante, no início deste ciclo de vida, esta resume-se essencialmente ao absentismo escolar, ao consumo de drogas ‘leves’, a pequenos furtos em casa e à falsificação de assinaturas. Os primeiros consumos surgem também nesta fase, para a maioria dos sujeitos, entre os 14 e os 16 anos e com drogas ‘leves’. Os restantes começam logo com a utilização de drogas ‘duras’. De facto, é neste ciclo de vida que quase todos estes indivíduos iniciam o consumo de drogas ‘duras’, entre os 17 e os 19 anos. O controlo social formal começa a ser experienciado por estes sujeitos nesta fase das suas vidas, sobretudo através de intervenção terapêutica destinada aos seus consumos, mas também através da adesão a programas de desintoxicação, principalmente em regime de internamento, como se verifica em quase metade da amostra de Agra e Matos (1997).

No segundo ciclo de vida, para um terço dos sujeitos ocorre a constituição das suas famílias próprias, e para mais de dois terços constata-se uma forte ligação à família de origem. O envolvimento em grupos de pertença anteriores passa a ser muito reduzido, pois estes indivíduos restringem-se os seus contactos praticamente apenas a sujeitos relacionados com o mercado ilegal das drogas. Ao nível ocupacional, estes indivíduos vão exercendo atividades laborais cada vez mais indiferenciadas e irregulares. A sua conduta desviante aumenta significativamente e manifesta-se sobretudo através de crimes de tráfico, embora também, numa frequência menor mas significativa, através de furtos e roubos. Do mesmo modo, intensifica-se a sua utilização de drogas ‘duras’, em especial heroína e cocaína. Em termos de envolvimento com o sistema jurídico-penal, estes indivíduos experienciam sobretudo intervenções do sistema penal, com aplicação de penas não privativas de liberdade e reduzidas penas de prisão.

No terceiro ciclo de vida, estes indivíduos continuam a demonstrar uma grande vinculação à família de origem. A sua atividade laboral é quase inexistente e a sua utilização de drogas mantém-se ao longo de todo o ciclo de vida. Em termos de história criminal, estes sujeitos tendem a estar envolvidos em mais de cinco crimes, principalmente associados a roubos e furtos, e a maioria está condenada a penas de prisão.

A importância do fenómeno droga-crime e a escassez de estudos portugueses sobre o mesmo justificam a pertinência e relevância do presente trabalho, no qual se pretende compreender se uma amostra de indivíduos toxicodependentes internados/as numa comunidade terapêutica se enquadra na tipologia de trajetórias desviantes proposta por Agra e Matos (1997), assim como compreender a perceção dos mesmos sobre tais trajetórias e possíveis relações entre elas.

Capítulo II – Investigação Empírica

1. Método

1.1. Objetivos e questões de partida

Como referido, o presente estudo tem como objetivos centrais compreender se uma amostra de indivíduos toxicodependentes internados/as numa comunidade terapêutica se enquadra na tipologia de trajetórias desviantes droga-crime proposta por Agra e Matos (1997), assim como compreender a perceção dos mesmos sobre tais trajetórias e possíveis relações entre elas.

Para orientar a recolha e a análise dos dados foram formuladas as seguintes questões de investigação:

1. Como foi o percurso de vida dos/as participantes, em termos familiares, sociais, escolares e profissionais?
2. Como foi o percurso de consumo de drogas ilícitas e de prática de crimes dos/as participantes?
3. Qual a associação entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes na história de vida dos/as participantes?
4. Os/as participantes enquadram-se na tipologia de trajetórias desviantes droga-crime proposta por Agra e Matos (1997)?
5. Quais as perceções dos/as participantes em relação ao consumo de drogas ilícitas e à prática de crimes?
6. Quais as perceções dos/as participantes sobre as possíveis associações entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes?

1.2. Metodologia e técnica de análise dos dados

Sendo os objetivos deste estudo sobretudo de compreensão e descrição, pois pretendia-se aceder às perceções dos/as próprios/as participantes, optou-se por uma investigação de natureza qualitativa, tal como é sugerido por outros autores (Fortin, 2009).

Para a análise dos dados foram seguidos os princípios da análise temática propostos por Braun e Clarke (2006), sobretudo pelo seu carácter flexível que favorece uma compreensão mais aprofundada e complexa sobre o material empírico. Com esta técnica de análise dos dados, que permite identificar e analisar os padrões de informação relativos ao material

empírico, pretendíamos “dar voz” aos participantes na tentativa de melhor compreender as suas experiências e o fenómeno em questão.

A codificação dos dados foi realizada integralmente a partir do material empírico e sempre com a preocupação de incluir o máximo de informação prestada pelos/as participantes, embora se tenha optado por não analisar os dados que não se afiguravam relevantes para responder aos objetivos de investigação. De facto, a codificação foi dirigida pelas questões específicas de investigação às quais pretendíamos dar resposta, tal como sugerido por Braun e Clarke (2006). No entanto, tivemos o cuidado de recolher informação relativa ao percurso de vida dos sujeitos ao nível da vinculação social, do uso de drogas, do comportamento desviante e do envolvimento com o sistema jurídico-penal, dado terem sido os eixos de análise contemplados no estudo de Agra e Matos (1997).

O processo de análise dos dados desenvolveu-se ao longo das fases propostas por Braun e Clarke (2006). Numa primeira fase procedeu-se à leitura cuidadosa e repetida dos dados com o intuito de ficarmos familiarizados com os mesmos. Numa segunda fase desenvolvemos os códigos iniciais, no sentido de organizar e dar significado ao material empírico, identificando características dos dados relevantes. Os códigos iniciais foram repetidamente analisados e (re)organizados com o intuito de os combinar e classificar em temas e subtemas (especificações que estruturam e caracterizam os temas aos quais pertencem). A fase seguinte foi dedicada ao refinamento dos temas e subtemas para perceber a sua essência e as relações entre os mesmos.

Ainda relativamente ao processo de análise dos dados, importa salientar que se procedeu à contabilização do número de participantes que referiram cada tema e subtema, para obter uma melhor compreensão sobre a globalidade dos resultados e sobre a sua relevância.

1.3. Amostra

Atendendo aos nossos objetivos de investigação, a seleção da amostra foi orientada no sentido de se conseguir recolher dados com peritos experienciais sobre o fenómeno em estudo: a relação droga-crime.

Optou-se por contemplar indivíduos com história de toxicod dependência e de comportamento criminal, definindo-se três critérios de inclusão na amostra: (i) ser imputável em razão de idade e de anomalia psíquica; (ii) estar internado/a em comunidade terapêutica para tratamento da toxicod dependência; e (iii) ter história criminal.

O primeiro critério justificou-se sobretudo por questões éticas e pragmáticas, permitindo facilitar os processos de obtenção de consentimento informado e de recolha de dados.

O segundo critério justificou-se como modo de assegurar que todos/as os/as participantes apresentavam uma história de consumo de drogas ilícitas e que nesse sentido, eram peritos/as experienciais em relação ao fenómeno e à sua eventual relação com a prática de crimes. Do mesmo modo, foi definido por questões pragmáticas tornando mais fácil o acesso a um conjunto de possíveis participantes.

O critério referente à existência de história criminal foi definido para assegurar que os/as participantes tinham conhecimento pessoal acerca deste fenómeno e da sua eventual relação com o consumo (dependente) de drogas.

A amostra final deste estudo foi constituída por 10 sujeitos, oito homens e duas mulheres, todos/as de nacionalidade portuguesa. Para uma melhor compreensão dos/as participantes apresentam-se, na tabela 1, dados relativos à sua caracterização sociodemográfica.

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica dos/as participantes

Sujeito	Sexo	Idade (anos)	Situação ocupacional	Nível socioeconómico	Nível de escolaridade (anos)
1	Masculino	24	Desempregado	Baixo	6°
2	Masculino	53	Desempregado	Baixo	4°
3	Masculino	34	Empregado	Baixo	6°
4	Masculino	40	Desempregado	Baixo	6°
5	Masculino	22	Desempregado	Médio	12°
6	Feminino	46	Desempregada	Baixo	6°
7	Masculino	37	Desempregado	Médio	9°
8	Masculino	50	Desempregado	Médio	12°
9	Masculino	52	Empregado	Médio	6°
10	Feminino	42	Desempregada	Baixo	11°

1.4. Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de recolha de dados optou-se pela entrevista qualitativa dado o propósito de aceder às perceções dos/as próprios/as participantes.

No sentido de garantir uniformidade na recolha do material empírico, todas as entrevistas foram conduzidas a partir de um guião semiestruturado (Anexo A), especificamente elaborado para este estudo em função dos objetivos de investigação.

Este guião foi constituído por quatro partes: (i) caracterização sociodemográfica; (ii) caracterização dos consumos de drogas ilícitas; (iii) caracterização da atividade criminal; e (iv) perceções sobre a associação droga-crime.

No que se refere à primeira parte, o objetivo foi obter dados que facilitassem um conhecimento global do sujeito e do seu percurso de vida (e.g., idade, situação profissional, relações familiares).

Na segunda parte pretendeu-se recolher dados que permitissem compreender o percurso de consumo de drogas ilícitas dos/as participante (e.g., idade do primeiro consumo; drogas consumidas).

A terceira parte do guião organizou-se no sentido de conhecer a história de comportamento delinvente e criminal dos/as participantes (e.g., primeiro crime perpetrado; tipologia de crime).

Com a última parte do guião pretendia-se explorar as perceções dos/as participantes sobre a associação entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes em geral, conhecer o tipo de associação entre estes dois fenómenos na sua própria história, assim como perceber se se enquadram na tipologia de trajetórias desviantes proposta por Agra e Matos (1997).

Apesar de o guião ter sido estruturado de acordo com a sequência que nos parecia ser mais facilitadora da confiança e do relato dos/as participantes, a ordem das questões foi ajustada em função das especificidades de cada participante, tal como sugerem outros autores (e.g., Fortin, 2009).

Relativamente aos procedimentos, é importante mencionar que logo no início deste estudo fizemos um pedido de autorização ao diretor de uma Comunidade Terapêutica do litoral norte do país no sentido de se proceder à recolha de dados no referido contexto. Depois de autorizados, avançámos para as entrevistas com sujeitos internados que tinham história criminal. Estes sujeitos foram-nos sinalizados pela equipa terapêutica da referida Comunidade, a quem se solicitou este apoio dado o seu conhecimento privilegiado sobre o percurso de vida de cada utente internado/a.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 22 e 24 de janeiro de 2014 e tiveram uma duração média de 30 minutos, variando entre um mínimo de 20 minutos e um máximo de 50 minutos. Estas entrevistas foram presenciais e ocorreram num gabinete da referida comunidade, onde estavam apenas o investigador e um/a participante de cada vez. No início de cada entrevista foram explicados ao/à participante os objetivos e procedimentos da investigação e de seguida foi recolhido o seu consentimento informado (Anexo B). Tal procedimento justificou-se por questões éticas e permitiu que, quer o investigador, quer o/a participante, ficassem com uma prova de aceitação de todas as condições inerentes à investigação. Por último, importa referir que todas as entrevistas foram gravadas em áudio com o intuito de se proceder às suas transcrições e posterior análise.

2. Resultados

Neste tópico apresentam-se os resultados obtidos a partir da análise do material empírico, organizados em função das questões de investigação. Para uma melhor compreensão de todos estes dados começa por se apresentar, em cada questão de investigação, uma tabela que sintetiza os relevantes eixos de análise, temas e subtemas desenvolvidos e a contabilização do número de sujeitos que se enquadra em cada tema e subtema. Note-se que, por uma questão de clareza das tabelas, nelas apresentam-se somente os resultados referidos por pelo menos metade da amostra (cinco ou mais participantes). Uma apresentação mais detalhada destes dados pode ser consultada em anexo (Anexo C).

1. Como foi o percurso de vida dos/as participantes, em termos familiares, sociais, escolares e profissionais?

Tabela 2: Temas e subtemas relativos à caracterização do percurso de vida dos/as participantes

Eixo de análise	Tema (n) - Subtema (n)
Relações familiares	Relações familiares positivas (n=10): - Prestação de apoio (n=5) - Reconstrução das relações (n=5)
	Relações familiares negativas (n=10): - Pelo consumo de drogas e/ou crimes (n=9)
Relações sociais	Bom relacionamento social (n=7)

	Deixou de estudar por vontade própria (n=9): - Vontade de começar a trabalhar (n=9)
Percurso escolar	Nível de escolaridade (n=10): - 1º ciclo completo (n=5) Percurso escolar irregular (n=7): - Reprovações (n=7) Deixou a escola depois dos 15 anos (n=7)
Percurso laboral	Percurso laboral instável (n=6)

Relativamente ao eixo de análise *caracterização das relações familiares*, todos/as dos/as entrevistados/as admitiu *relacionamentos familiares negativos* (n=10) em consequência do seu comportamento de consumo de drogas e/ou de prática de crimes (n=10). Os/as entrevistados/as acrescentaram que, à data das entrevistas e uma vez que se encontravam em tratamento, estavam a reconstruir as suas relações familiares. O que remeteu para o tema *relacionamentos familiares positivos* (n=10), uns afirmando que sempre tiveram apoio familiar, desde que estão em tratamento (n=5), e os restantes cinco, relataram estarem a reconstruir as suas relações familiares. No que respeita à *caracterização das relações sociais*, a maioria dos/as participantes fez referência a uma *boa vinculação social* (n=7), justificando o facto de manterem boas relações sociais, quer pelo respeito que demonstram pelos outros (n=4), quer porque são pessoas sociáveis e capazes de manter os relacionamentos (n=3). Pelo contrário, três sujeitos admitiram uma *frágil vinculação social*, que atribuíram à sua timidez e ao prejuízo que tal característica acarreta na interação com os outros e no estabelecimento de relações sociais.

Em termos de *percurso escolar*, um participante admitiu um *término da escolaridade por obrigação*, esclarecendo que foi obrigado a deixar a escola para ajudar economicamente em casa. Pelo contrário, a maioria dos/as entrevistados/as reconheceu um *término da escolaridade por vontade própria* (n=9) e identificou a vontade de começar a trabalhar como a principal razão para o abandono da escola (n=9), mas também por absentismo (n=4).

Em concreto, quanto ao *nível de escolaridade*, metade dos/as entrevistados/as (n=5) tinha o primeiro ciclo completo, três tinham o segundo ciclo completo, e dois tinham o terceiro ciclo completo. Nenhum dos entrevistados frequentou o ensino superior. Além disso, mais de metade dos indivíduos demonstrou um *percurso escolar irregular* (n=7), caracterizado sobretudo por reprovações (n=7) e também por um grande absentismo às aulas (n=4). Os restantes três indivíduos evidenciaram *percurso escolar regular*, sem qualquer reprovação (n=3). É ainda de salientar que a maioria dos/as participantes admitiu um *término*

da escolaridade depois dos 15 anos (n=7), e apenas três reconheceram um *término da escolaridade antes dos 15 anos*.

Por último, no que concerne ao *percurso laboral* dos/as entrevistados/as, apenas um referiu que *nunca trabalhou*, esclarecendo que depois de abandonar a escola nunca teve nenhuma atividade laboral. Outros três sujeitos consideraram ter tido um *percurso laboral estável*, acrescentando que quando saírem do tratamento regressarão aos seus postos de trabalho (n=3). Todavia, a maioria dos/as participantes revelou um *percurso laboral instável* (n=6) e admitiu ter trabalhado em diversas áreas e sempre em trabalhos de curta duração, principalmente depois de começarem o comportamento de consumo de drogas.

2. Como foi o percurso de consumo de drogas ilícitas e de prática de crimes dos/as participantes?

Tabela 3: Temas e subtemas relativos ao percurso de consumo de drogas ilícitas e de prática de crimes dos/as participantes

Eixo de análise	Tema (n): - Subtema (n)
Percurso dos consumos de drogas ilícitas	1ª experiência de drogas ilícitas na adolescência (n=10): - Antes dos 15 anos (n=6)
	1ª experiência de drogas ilícitas com canabinóides (n=10)
	Consumo de canabinóides por motivação própria (n=10)
	1ª experiência de canabinóides por influência do grupo de pares (n=6): - Incentivo do grupo consumidor (n=6)
	1º consumo de canábis acompanhado/a (n=9): - Com o grupo de pares que já consumiam (n=8)
	Motivação própria para experimentar drogas ‘duras’ (n=10): - Curiosidade (n=6)
	Influência do grupo de pares na 1ª experiência de drogas ‘duras’ (n=10): - Incentivo do grupo já consumidor (n=5)
	1º consumo de drogas ‘duras’ na adolescência (n=10): - Entre os 15 e os 18 anos (n=10)
	Heroína como 1ª droga ‘dura’ experimentada (n=6)
	1ª experiência de drogas ‘duras’ acompanhado/a (n=10): - Com grupo de pares já consumidores (n=9)
	Curto período de tempo até à 2ª experiência de drogas ‘duras’ (n=6): - Meses (n=6)
	Consumos de heroína e cocaína (n=9): - Maioritariamente heroína (n=5)
	Frequência dos consumos de canábis (n=10): - Diariamente até aos consumos de drogas ‘duras’ (n=6)
	Frequência dos consumos de cocaína (n=8)
	Frequência dos consumos de heroína (n=9)
	Consumo de drogas ‘duras’ acompanhado/a (n=10): - Nos primeiros consumos (n=10)
	Consumos de drogas ‘duras’ sozinho/a (n=7): - Depois de estar dependente (n=7)
	Auto-avaliação negativa do início dos consumos (n=7)

Consequências dos consumos	Problemas de saúde devido aos consumos (n=5) Problemas a nível ocupacional devido aos consumos (n=6) Problemas nas relações interpessoais devido aos consumos (n=10): - Problemas familiares (n=6) Problemas a nível pessoal devido aos consumos (n=10): - Ruína total (n=5)
Paragens nos consumos de drogas ilícitas	Paragem nos consumos com tratamentos (n=6) Curto período de tempo sem consumos (n=6)
Percurso nos crimes	Início dos crimes após o consumo de drogas ilícitas (n=10): - Após anos de consumos (n=8) 1º crime por motivação própria (n=10): - Como recurso para consumir (n=8) 1º crime sob o efeito de substâncias (n=10) 1º crime sozinho/a (n=7) Outros crimes cometidos (n=6) Necessidade de evoluir na prática de crimes (n=8): - Associado ao consumo de drogas ‘duras’ (n=8)
Consequências dos crimes	Problemas a nível pessoal devido à prática de crimes (n=7) Problemas a nível judicial devido à prática de crimes (n=5) Problemas nas relações interpessoais devido à prática de crimes (n=9): - Perda de confiança por parte dos familiares (n=6)
Motivação para acabar com a prática de crimes	Motivação própria para acabar com os crimes (n=5)
Fim da prática de crimes sem fim nos consumos	Recursos para os consumos após o fim da prática de crimes (n=7)

Relativamente ao eixo de análise *percurso dos consumos de drogas ilícitas*, todos/as os/as entrevistados/as experimentaram drogas ilícitas durante a adolescência, o que levou ao desenvolvimento do tema *primeira experiência de drogas ilícitas na adolescência* (e.g., “comecei a fumar haxixe aos 11 anos”). Acrescente-se que mais de metade dos/as entrevistados/as (n=6) experimentaram drogas ilícitas antes dos 15 anos de idade.

No segundo tema, *primeira experiência de drogas ilícitas com canabinóides*, todos/as os/as entrevistados/as (n=10) referiram que a primeira vez que experimentaram drogas ilícitas foi com a canábis (e.g., “a primeira vez que toquei em drogas fumei um charro de erva”). Igualmente consensual foi que este primeiro consumo se deveu à vontade pessoal, o que conduziu ao desenvolvimento do tema *consumo de canabinóides por motivação própria* (n=10). Em concreto, esta motivação pessoal foi atribuída à curiosidade em torno das drogas (n=4) (e.g., “gostava de experimentar de tudo, ter sensações novas”), ao desejo de desinibição (n=3) (e.g., “desinibir-me porque era uma pessoa muito tímida”), e ao desejo de integração no grupo de pares onde já se consumia canábis (n=3) (e.g., “queria inserir-me no grupo”).

No âmbito desta primeira questão de investigação, foi igualmente desenvolvido o tema, *primeiro consumo de canabinóides por influência do grupo de pares*. Tal justificou-se pelo facto de, embora todos/as os/as participantes terem experimentado drogas por vontade

própria, seis afirmarem que os seus grupos de pares (onde já se consumia) os incentivaram a experimentar (e.g., “Os amigos a dizerem para consumir, diziam que era fixe que era bom, e eu quis”).

A maioria dos/as participantes admitiu um *primeiro consumo de canábis acompanhado/a* (n=9), embora nem todos/as sob as mesmas condições. Foram assim desenvolvidos dois subtemas: um primeiro que traduz os casos em que a iniciação do uso de canábis ocorreu quando estavam acompanhados e integrados num *grupo de pares que já consumia* (n=8) (e.g., “experimentei acompanhada, com os meus amigos que já fumavam”); e um segundo em que tal iniciação ocorreu no seio de um grupo, mas no qual se tratava da *primeira experiência para todo o grupo* (n=1) (e.g., “Acompanhado, experimentámos todos ao mesmo tempo”). Ao invés, o tema *primeiro consumo de canábis sozinho/a* foi desenvolvido para integrar a experiência, contrária à da maioria dos/as participantes, de apenas um sujeito (e.g., “ouvir os outros a falar, e eu cheguei a um dia e disse “pronto há que experimentar também”).

A referência à utilização de drogas ‘duras’ foi consensual, surgindo desde logo o tema *motivação própria para experimentar drogas ‘duras’* pois todos/as os/as entrevistados/as afirmaram ter consumido estas substâncias por vontade pessoal. A este nível desenvolveram-se dois subtemas, uma vez que tal vontade própria foi atribuída, quer à *curiosidade* (n=6) (e.g., “é que uma pessoa queria descobrir coisas novas”), quer à *procura de um refúgio* (n=4) (e.g., “tentar procurar um ponto positivo ...como um refúgio”). Também a este nível surgiu o tema *influência do grupo de pares na primeira experiência de drogas ‘duras’* (n=5) (e.g., “amigos que consumiam e incentivaram-me e eu acabei por entrar na onda deles”).

Para todos/as os/as participantes a primeira experiência com drogas ‘duras’ ocorreu na adolescência, entre os 15 e os 18 anos (e.g., “eu consumi heroína aos meus 16 anos”). Relativamente à primeira droga ‘dura’ experimentada, a maioria dos/as entrevistados/as salientou que a sua primeira experiência de drogas ‘duras’ ocorreu com a heroína (e.g., “a primeira vez foi heroína fumada”). Três participantes identificaram a cocaína (e.g., “experimentei cocaína”) e apenas um referiu ter experimentado no mesmo dia heroína e cocaína (e.g., “duas no mesmo dia, de manhã experimentei heroína e à tarde cocaína”).

Ainda no que respeita à primeira experiência de drogas ‘duras’, surgiu o tema consensual *primeira experiência de drogas ‘duras’ acompanhado/a* (n=10). A este nível desenvolveram-se dois subtemas para caracterizar quem os/as acompanhou nesta experiência de consumo inicial. Para a maioria dos/as participantes, nesta primeira experiência estavam acompanhados pelo *grupo de pares que já consumiam* (n=9) (e.g., “com amigos que

consumiam”), e apenas um referiu ter estado acompanhado com *colegas de trabalho* (n=1) (e.g., “Era um polícia militar, trabalhávamos juntos e ele deu-me”).

Foram criados três temas relativos à existência ou não de uma segunda experiência de drogas ‘duras’. Três dos/as entrevistados/as não experimentaram mais nenhuma droga ‘dura’ (e.g., “heroína e haxixe, nunca consumi cocaína nem mais nada”). Quanto aos que o fizeram, foram desenvolvidos dois temas. Em concreto, apenas um sujeito referiu que a segunda experiência de drogas ‘duras’ ocorreu mais de cinco anos depois da primeira (e.g., “heroína, tinha 29 anos, e cocaína com 17 anos”), enquanto para a maioria (n=6) num curto período de tempo, poucos meses, ocorreu a segunda experiência (e.g., “Um pouco mais tarde, para aí 3/4 meses, experimentei cocaína”).

Todos/as os/as participantes consumiram em algum momento heroína e/ou cocaína, o que fez com que se desenvolvesse o tema *consumos de heroína e cocaína*, bem com quatro subtemas para o especificar. Em concreto, metade dos/as participantes (n=5) consumiam maioritariamente heroína (e.g., “Cocaína e heroína, mas mais heroína”), enquanto apenas um admitiu usar as duas drogas em simultâneo (e.g., “consumir as duas juntas, chamava-se o *speedball*). Outros dois participantes referiram consumir maioritariamente cocaína (e.g., “eu consumia muito mais coca”) e acrescentaram que às vezes consumiam heroína depois dos consumos da droga de eleição (cocaína) para acalmar dos mesmos (e.g., “para ter sensações diferentes, uma alta e outra baixa”).

Os/as participantes pronunciaram-se sobre a frequência dos seus consumos de drogas. Quanto à frequência dos consumos de canábis (n=10), a maioria dos sujeitos fez referência a uma utilização regular e diária. Em concreto, foram desenvolvidos três subtemas: *diariamente até depois dos consumos de drogas ‘duras’* (n=3) (e.g., “pegava num cigarro era um charro, fumava todos os dias e muito, a heroína consumia só de vez enquanto”); e *diariamente até aos consumos de drogas ‘duras’* (n=6) (e.g., “mantive até começar a consumir drogas duras”). A este nível, apenas um sujeito referiu ter experimentado canábis *só uma vez* (n=1) (e.g., “nunca mais fumei, tive a sorte de não gostar”).

No que se refere à frequência dos consumos de cocaína (n=8) foram criados quatro subtemas: *inexistentes* (n=2) (e.g., “eu nunca experimentei coca, porque gostava muito de heroína”); *esporádicos* (n=3) (e.g., “cocaína quando tinha dinheiro”); e *deixaram de existir* (n=1) (e.g., “Depois de começar a consumir heroína deixei a cocaína”) e *diários, após consumos esporádicos* (n=4) (e.g., “ao início era dia sim dia não, dia não, depois todos os dias”). Quanto à frequência dos consumos de heroína (n=9) desenvolveram-se quatro subtemas: *inexistentes* (n=1) (e.g., “nunca consumi heroína, só cocaína”); *diários logo após a*

primeira experiência (n=4) (e.g., “experimentei hoje, amanhã voltei a experimentar ...bastou quatro dias que a pessoa já sentia”); *diários após consumos esporádicos* (n=4) (e.g., “Consumia uma vez ao fim de semana ... começou a ser todos os dias”); e *esporádicos* (n=1) (e.g., “fumava para aí uma vez por mês ... quando havia falha de haxixe agarrava-me à heroína, ou quando estava mais em baixo”).

Foi consensual entre os/as participantes a referência aos *consumos de drogas ‘duras’ acompanhados/as*, sobretudo *nos primeiros consumos* (n=10) (e.g., “No início era mais acompanhado”). Todavia, apenas três participantes referiram que os consumos subsequentes também ocorreram na companhia de pessoas também elas consumidoras (e.g., “nunca gostei muito de consumir sozinho”). De facto, sete participantes admitiram experiências de *consumos de drogas ‘duras’ sozinho/a* depois de se terem tornado dependentes das substâncias (e.g., “Depois comecei a consumir sozinha, porque queria era consumir”).

Para responder à presente questão de investigação foi desenvolvido um outro eixo de análise – *consequências dos consumos*.

Apesar de todos/as os/as entrevistados/as estarem em tratamento em consequência das suas trajetórias de consumos de drogas ilícitas, dois indivíduos não deixaram de mencionar que há benefícios nos consumos de drogas ilícitas (e.g., “tem um aspeto positivo é o bem estar que dá a curto prazo só”).

Relativamente aos prejuízos desta prática, metade dos/as participantes fez referência às consequências negativas ao nível da saúde (n=5) salientando, quer os *internamentos hospitalares* (n=3) (e.g., “fui parar várias vezes ao hospital com princípios de overdose”), quer o *diagnóstico de doenças infecto-contagiosas* (n=2) (e.g., “eu apanhei o HIV, através de troca de seringas”).

Os/as entrevistados/as mencionaram também prejuízos em termos ocupacionais destacando, em concreto, o *abandono da escola* (n=2) (e.g., “deixei a escola porque já andava a consumir droga, e a partir daí foi só droga”) e o *despedimento* (n=4) (e.g., “eu consumia para tudo, para ir trabalhar e isso fez-me perder muitos trabalhos”).

Igualmente consensual foi a identificação de consequências negativas nas relações interpessoais, caracterizadas especificamente por: *problemas conjugais* (n=4) (e.g., “discutia constantemente com o meu companheiro”); ser *vítima de agressões* (n=1) (e.g., “últimos anos da minha vida levei mais porrada da minha mãe do que quando era adolescente”); e *problemas familiares* (n=6) (e.g., “porque a família anda toda chateada comigo”).

Prejuízos ao nível social em consequência dos consumos foram também descritos, por dois entrevistados, que salientaram em concreto a experiência de julgamentos e estigmas por parte dos outros (e.g., “já não te olham da mesma maneira, toda a gente faz julgamentos”).

Por último, foi consensual a referência a consequências negativas dos consumos ao nível pessoal, relacionados em específico com: a *perda de amor próprio* (n=4) (e.g., “perdemos o amor a nós próprios”); a sensação de *ruína total* (n=5) (e.g., “batemos no fundo do poço mesmo, em todos os aspetos”); e a *perda da capacidade de resolução de problemas* (n=3) (e.g., “eu já não conseguia lidar com os meus problemas do dia a dia”).

Relativamente ao eixo de análise *paragens nos consumos de drogas ilícitas*, oito participantes admitiram períodos de abstinência até ao tratamento atual. Em concreto, dois sujeitos afirmaram terem deixado temporariamente os consumos, usando como recurso deslocções geográficas (e.g., “mudámos de cidade para eu fugir aos locais e hábitos de consumo”).

Seis indivíduos também deixaram temporariamente os consumos mas com algum tipo de tratamento. Os seguintes subtemas especificam o tipo de tratamento a que recorreram: *com metadona* (n=2) (e.g., “embora tomasse a metadona, tive pouco tempo sem consumos”); *internamentos em comunidades terapêuticas* (n=2) (e.g., “tive em tratamento durante um ano, mas ... recaía, recuperava”); e *desintoxicação* (n=2) (e.g., “já fiz muitas desintoxicações, ia ao médico dava-me medicação e fazia em casa”).

No que concerne ao tempo de paragem dos consumos (n=8), dois sujeitos relataram um *longo período de tempo sem consumos* (n=2), em concreto *mais de cinco anos* (n=2) (e.g., “consegui parar de vez, durante 15 anos”). Os restantes seis referiram um *curto período de tempo sem consumos*, em concreto alguns *meses* (n=4) (e.g., “estive pouco tempo sem consumos, alguns meses só”) e *menos de cinco anos* (n=2) (e.g., “dois anos, foi a vez que estive mais tempo limpo”).

Apenas dois participantes admitiram nunca ter parado os seus consumos até ao atual tratamento (e.g., “desde os meus 13 anos até agora, foi sempre só droga e droga”).

Por último, importa descrever os dados obtidos em relação às recaídas no consumo de drogas (n=8), admitidas pela maioria dos/das participantes.

Quatro dos/as entrevistados/as descreveram uma *recaída na droga de eleição* (e.g., “eu recaí na heroína, a droga que sempre gostei”). Quatro participantes fizeram referência à *recaída com substituição da droga de eleição*, sendo que, em concreto: um sujeito trocou a

sua droga de eleição por drogas adquiridas em *smartshops*¹ (e.g., “caí numa droga das drogas da *smartshops* porque achava que não viciava”); e os outros três referiram ter substituído a sua anterior droga de eleição pelo álcool (e.g., “comecei a consumir álcool, embora tivesse acesso às drogas optei pelo álcool, fiz uma substituição”).

Passando para a descrição do *percurso de prática de crimes* dos/as participantes, importa começar por salientar que todos/as mencionaram ter recorrido à prática de crimes depois do uso de drogas ilícitas.

Especificamente, dois sujeitos admitiram ter iniciado os crimes *durante o primeiro ano dos consumos* (e.g., “16anos, logo a seguir de ter começado a andar na droga”). No entanto, a maioria referiu ter iniciado os crimes apenas *após anos de consumos* (n=8) (e.g., “comecei passado 2/3 anos, porque precisava para a droga”). Para descrever o primeiro crime perpetrado foram desenvolvidos três temas: *tráfico como primeiro crime* (n=3) (e.g., “com 15 anos comecei a traficar haxixe”); *furtos como primeiro crime* (n=4) (e.g., “roubava carteiras”); e *assaltos a estabelecimentos como primeiro crime* (n=3) (e.g., “o meu primeiro crime foi vandalizar, porque é assim, nós entrávamos em todo o lado que queríamos e nos apetecia”).

Os/as participantes foram unânimes em admitir a sua motivação própria para a prática dos seus primeiros crimes. Em concreto, a maioria atribuiu tal motivação pessoal à necessidade de cometer crimes *como recurso para consumir* (n=8) (e.g., “já tinha uma ressaca precisava de dinheiro”). Dois sujeitos associaram esta motivação própria à vontade de usar o crime *como recurso para um nível de vida melhor* (e.g., “Porque dava muito dinheiro, eu via que dava muito mais dinheiro do que trabalhar”).

Quanto ao tema *primeiro crime sob o efeito de substâncias*, constatou-se que todos/as os/as entrevistados/as estavam sob o efeito de alguma droga aquando do cometimento do primeiro crime. Especificamente, admitiram estar sob o efeito de: *canábis* (n=4) (e.g., “Como sempre tinha fumado charros”); *álcool* (n=3) (e.g., “Estava alcoolizada”); e *heroína e/ou cocaína* (n=3) (e.g., “Tinha consumido heroína e cocaína”).

Três participantes referiram ter perpetrado o *primeiro crime acompanhado/a* (e.g., “Estava acompanhado com os meus amigos da altura”), enquanto a maioria (n=7) descreveu ter cometido o *primeiro crime sozinho/a* (e.g., “eu comprava um grama de heroína e vendia”).

¹Loja que vende substâncias psicoativas, produtos energéticos naturais e afrodisíacos. Atualmente, em Portugal, estes estabelecimentos comerciais são regulados pelo Decreto-Lei n.º 54/2013, de 17 de abril.

Relativamente à frequência da prática de crimes, dois sujeitos admitiram a *prática de um único crime*, na tentativa de arranjar dinheiro para consumir drogas ilícitas (e.g., “nunca mais o fiz mesmo continuando a consumir”). Outros dois participantes relataram só ter praticado um tipo de crime, mas acrescentaram que esta prática foi aumentando à medida que aumentava também o consumo de drogas ilícitas (e.g., “só roubei, violência eu nunca usei, eu sou contra a violência, mas furtei e cada vez mais”). No que respeita a *outros crimes cometidos*, a maioria dos/as entrevistados/as admitiu ter tido este comportamento mais do que uma vez depois do crime inicial (n=6). Estes outros crimes prenderam-se, em concreto, com: *tráfico* (n=2) (e.g., “se não consumisse e não precisasse de dinheiro para isso não tinha começado a traficar”); e *assaltos/roubos* (n=4) (e.g., “comecei a roubar, para ter dinheiro para a droga”).

A maioria dos/as entrevistados/as (n=8) admitiu que no seu percurso criminal sentiram *necessidade de evoluir na prática de crimes*, esclarecendo que a necessidade de aumentar os crimes estava associada à necessidade de consumir drogas ilícitas (n=8) (e.g., “começou a ser elevada, porque a gente quando consome depois mais quer”).

Todos/as os/as participantes deste estudo fizeram ainda referência às *consequências dos crimes* sem diferentes áreas da sua vida.

Desde logo, problemas ao nível pessoal por causa da prática de crimes foram relatados pela maioria dos/as participantes (n=7), em concreto: pela *perda de identidade* (n=4) (e.g., “Perdi os meus valores, deixei de ser quem era”); e pelo *mal-estar psicológico/emocional* (n=3) (e.g., “vivo diariamente com isso na minha cabeça, com muita culpa”).

Metade dos sujeitos descreveu problemas ao nível judicial em consequência dos crimes, concretamente: *pena suspensa* (n=2) (e.g., “Apanhei dois anos e meio de pena suspensa”); *trabalho comunitário* (n=1) (e.g., “tive uma pena de fazer dois meses trabalho comunitário”); e *pena de prisão* (n=2) (e.g., “Depois fui preso”).

Consequências negativas dos crimes ao nível das relações interpessoais foram referidas por nove participantes. Em particular, foram identificados os seguintes prejuízos: *perda da confiança por parte dos familiares* (n=6) (e.g., “desconfiança por parte dos meus pais e dos meus irmãos”); *problemas conjugais* (n=2) (e.g., “a minha mulher ficou muito chateada comigo, muito mesmo, quando soube que fui eu que roubei”); e *quebra das relações familiares* (n=1) (e.g., “a minha mulher abandonou-me na prisão”).

Ainda a propósito das consequências dos crimes, dois participantes admitiram consequências positivas, que associaram ao *proveito financeiro devido à prática de crimes* (n=2) (e.g., “com o tráfico fiquei muito bem na vida”).

Os/as participantes pronunciaram-se, ainda, em relação à *motivação para acabar com a prática de crimes*. Metade dos sujeitos descreveu uma *motivação própria para acabar com os crimes* (n=5), que atribuiu: aos *problemas judiciais* (n=2) (e.g., “E tive uma pena de fazer dois meses de trabalho comunitário e serviu de lição”); ao *medo de cumprir pena judicial* (n=2) (e.g., “com o medo parei antes que fosse também apanhado”); e ao *mal-estar psicológico/emocional* (n=1) (e.g., “fiz-me não quer desiludir mais a mim próprio”).

Por seu turno, quatro participantes descreveram um *fim da prática de crimes associado ao fim dos consumos* (e.g., “se deixar as drogas deixo de cometer crimes”).

Apenas um sujeito admitiu *fatores externos associados ao fim dos crimes*, explicando que “saí do meio quando estive preso ... eu não tinha dinheiro para recomeçar, porque se eu tivesse dinheiro não sei se tinha deixado”.

Importa salientar que sete participantes admitiram o *fim da prática de crimes sem fim dos consumos*. Em concreto, três participantes descreveram um *fim da prática de crimes relacionado com a substituição das drogas ilícitas* por outras drogas que, segundo os próprios, não exigiam tanto dinheiro, sobretudo álcool (n=3), mas também substâncias vendidas em *smartshops* (n=1) (e.g., “optei por beber álcool, o meu pai ia tendo em casa e pedia dinheiro aos meus pais”). Quatro entrevistados/as admitiram o *fim da prática de crimes continuando com o consumo de drogas ilícitas*, o que atribuíram ao facto de terem *metadona como uma ajuda para controlar os consumos* (n=1) (e.g., “se não tivesse a metadona seguramente tinha cometido mais crimes ... dava para me segurar e consumir só quando tinha dinheiro”) e ao facto de terem *medo de cumprir pena judicial* (n=3) (e.g., “quando soube que a polícia andava atrás de mim, com medo que me acusassem parei”).

Relativamente ao tema *recursos para os consumos após o fim da prática de crimes*, três participantes referiram ter passado a manter os seus consumos com os rendimentos do seu trabalho (e.g., “trabalhar e tinha ajuda da minha patroa que sabia do meu problema, eu pedia-lhe dinheiro e ela emprestava-me”). Outros três sujeitos salientaram que as famílias davam-lhes dinheiro (e.g., “o meu irmão me via tão mal e era uma compra legal optava por me dar o dinheiro”) e um outro optou por pedir nas ruas (e.g., “optei por pedir na rua, para não ter mais problemas com a justiça”).

3. Qual a associação entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes na história de vida dos/as participantes?

Tabela 4: Temas e subtemas relativos à associação droga-crime no percurso dos/as participantes

Eixo de análise	Tema (n) - Subtemas (n)
Percurso nos crimes	Início dos crimes após o consumo de drogas ilícitas (n=10): - Após anos de consumos (n=8) 1º crime por motivação própria (n=10): - Como recurso para consumir (n=8) 1º crime sob efeito de substâncias (n=10) Outros crimes cometidos (n=6) Necessidade de evoluir na prática de crimes (n=8): - Associado ao consumo drogas 'duras' (n=8)
Fim da prática de crimes sem fim nos consumos	Recursos para os consumos após o fim da prática de crimes (n=7)

A resposta à presente questão remeteu-nos para um eixo de análise já explorado na questão anterior: *percurso da prática de crimes*.

Desde logo, importa referir que todos/as os/as entrevistados/as começaram com o consumo de drogas ilícitas e só depois avançaram para a prática de crimes (e.g., “a primeira vez roubei, já tinha ressaca e precisava de dinheiro para a droga, os meus pais não davam”). Em concreto dois participantes admitiram ter praticado o seu primeiro crime durante o primeiro ano dos consumos de drogas ilícitas, enquanto para a maioria dos/as entrevistados/as (n=8) o primeiro crime só ocorreu, pelo menos, um ano depois dos consumos. Relativamente à motivação para o início da prática criminal, a todos/as os/as participantes salientaram a vontade própria (n=10), pela necessidade de obter recursos económicos para sustentar os consumos (n=8). Por seu turno, os restantes dois não associaram o seu primeiro crime ao consumo de substâncias (embora as utilizassem), mas antes à vontade de ter um nível de vida melhor.

A análise do material empírico permitiu constatar mais expressões da associação entre os consumos de drogas legais e ilegais e a prática de crimes para todos/as os/as entrevistados/as. Em concreto, todos/as os/as participantes afirmaram ter perpetrado o *primeiro crime sob o efeito de substâncias*, em particular: de drogas ilícitas (n=7); e de álcool (n=3). Além disso, dois sujeitos *admitiram a prática de um único crime*, esclarecendo que pela necessidade de consumir cometeram um crime aquisitivo (e.g., “roubei no desespero da

ressaca”). Outros dois entrevistados referiram só ter cometido um tipo de crime, mas acrescentaram que foram aumentando a frequência da sua prática criminal em função dos consumos de drogas ilícitas (e.g., “cada vez comecei a roubar mais, porque cada vez consumia mais”). Refira-se, também, que seis participantes fizeram referência a *outros crimes cometidos* (e.g., “depois também comecei a traficar”).

Quanto ao último tema – *Necessidade de evoluir na prática de crimes*, oito sujeitos assumiram ter evoluído na prática de crimes por necessidade, devido ao aumento dos consumos de drogas ilícitas (e.g., “começou a ser elevada, porque a gente quando consume depois mais quer”).

Relativamente à *motivação para acabar com a prática de crimes*, quatro dos/as entrevistados/as afirmaram só ter abandonado a prática de crimes porque terminaram com o consumo de drogas ilícitas (e.g., “não roubava porque gostava, mas porque precisava de tirar a ressaca”).

Por último, sete participantes admitiram um *fim da prática de crimes sem fim nos consumos*. Em particular, três indivíduos esclareceram que deixaram de consumir drogas ilícitas e portanto, como já não necessitavam de tanto dinheiro para manter os seus consumos, deixaram de praticar crimes. Outros quatro sujeitos declararam que, embora tivessem continuado a consumir drogas ilícitas, deixaram de cometer crimes pois os consumos passaram a ser esporádicos.

Além disso, entre os indivíduos que continuaram a consumir, um passou a consumir esporadicamente (n=1) (e.g., “se não tivesse a metadona seguramente tinha cometido mais crimes ... dava para me segurar e consumir só quando tinha dinheiro”), e outros/as que mantiveram os consumos regulares, arranjam outros meios, além do crime, para financiar os consumos, especificamente: pedir na rua (n=1) (e.g., “optei por pedir para na rua, não ter mais problemas com a justiça”); com os rendimentos dos seus trabalhos (n=3) (e.g., “tudo que ganhava era para a droga”); e ajuda da família (n=3) (e.g., “os meus pais quando acabava o meu dinheiro, iam me dando, para não roubar”).

4. Os/as participantes enquadram-se na tipologia de trajetórias desviantes droga-crime proposta por Agra e Matos (1997)?

Tabela 5: Temas e subtemas relativos ao enquadramento dos/as participantes nas trajetórias desviantes droga-crime de Agra e Matos (1997)

Eixo de análise	Tema (n) - Subtema (n)	
Percurso nos consumos de drogas ilícitas	1º experiência de drogas ilícitas na adolescência (n=10): - Antes dos 15 anos (n=6)	
	1º experiência de drogas ilícitas com canabinóides (n=10)	
	Consumo de canabinóides por motivação própria (n=10)	
	1ª experiência de canabinóides por influência do grupo de pares (n=6): - Incentivo do grupo consumidor (n=6)	
	1º consumo de canábis acompanhado/a (n=9): - Com o grupo de pares que já consumiam (n=8)	
	Motivação própria para experimentar drogas ‘duras’ (n=10): - Curiosidade (n=6)	
	Influência do grupo de pares na 1ª experiência de drogas ‘duras’ (n=10): - Incentivo do grupo já consumidor (n=5)	
	1º consumo de drogas ‘duras’ na adolescência (n=10): - Entre os 15 e os 18 anos (n=10)	
	1ª experiência de drogas ‘duras’ acompanhado/a (n=10): - Com grupo de pares já consumidores (n=9)	
	Frequência dos consumos de canábis (n=10): - Diariamente até aos consumos de drogas ‘duras’ (n=6)	
	Frequência dos consumos de cocaína (n=8)	
	Frequência dos consumos de heroína (n=9)	
	Consumo de drogas ‘duras’ acompanhado/a (n=10): - Nos primeiros consumos (n=10)	
	Consumos de drogas ‘duras’ sozinho/a (n=7): - Depois de estar dependente (n=7)	
	Auto-avaliação negativa do início dos consumos (n=7)	
	Percurso nos crimes	Início dos crimes após o consumo de drogas ilícitas (n=10): - Após anos de consumos (n=8)
		1º crime por motivação própria (n=10): - Como recurso para consumir (n=8)
		1º crime sob efeito de substâncias (n=10)
		1º crime sozinho/a (n=7)
Outros crimes cometidos (n=6)		
Necessidade de evoluir na prática de crimes (n=8): - Associado ao consumo drogas ‘duras’ (n=8)		

Todos/as os/as sujeitos/as se enquadraram numa das trajetórias desviantes droga-crime propostas por Agra e Matos (1997). Em concreto, seis enquadraram-se na trajetória “toxicodependente-delinquente” e quatro na trajetória “especialista droga-crime”. Nenhum/a

participante se enquadrou na trajetória “delinquente-toxicodependente”, uma vez que todos/as começaram por consumir drogas ilícitas e só depois enveredaram pela prática de crimes.

Os sujeitos que se enquadraram na tipologia “toxicodependente-delinquente” (n=6) apresentavam algumas características em comum, que se passa a descrever. Ao nível do consumo de drogas ilícitas todos/as estes/as entrevistados/as (n=6) iniciaram esta prática com canabinóides, entre os 14 e os 16 anos (e.g., “a primeira vez que fumei haxixe, tinha 15 anos”). Igualmente consensual para estes sujeitos foi que a primeira experiência com drogas ‘duras’ ocorreu antes dos 19 anos (n=6) (e.g., “experimentei heroína com 17 anos”). Além disso, todos/as estes/as participantes referiram ter passado de um consumo regular de drogas ‘duras’ para um padrão de toxicodependência (e.g., “Consumia uma vez ao fim de semana ... começou a ser todos os dias”). Quanto ao percurso da prática de crimes, todos estes sujeitos (n=6) esclareceram só ter adotado um comportamento criminal quando necessitavam de dinheiro para a manutenção dos seus consumos (e.g., “todos os crime eu cometi foram só por necessidade de tirar a ressaca”). O comportamento delitivo destes/as participantes emergiu depois do consumo de drogas ‘duras’ (n=6) (e.g., “só depois de estar viciado é que roubei”) e nenhum era especialista em comportamento criminal dado que os crimes eram sempre conciliados com os consumos. Por último, é de referir que em relação ao percurso ocupacional, todos/as estes/as participantes (n=6) abandonaram a escola por volta dos 15/16 anos e logo depois iniciaram a prática laboral (e.g., “saí da escola com 15 e fui logo trabalhar para ganhar dinheiro”).

Em relação aos sujeitos que se enquadraram na trajetória “especialista droga-crime” (n=4), todos/as iniciaram a atividade criminal quando só tinham hábitos de consumo de drogas ‘leves’. Para estes sujeitos o início da atividade desviante esteve associado ao seu envolvimento com o mercado ilícito, através do tráfico (n=3) (e.g., “comecei a traficar para ter mais dinheiro para as minhas coisas”). O percurso ocupacional destes/as participantes foi caracterizado, ao nível escolar, por reprovações e absentismo (n=4) (e.g., “nunca fui muito bom aluno, não gostava de estudar”) e, em termos laborais, pelo início de atividades não qualificadas após o abandono da escola (n=4) (e.g., “mal saí da escola fui trabalhar, para um restaurante, servia às mesas”). Relativamente ao percurso nos consumos de drogas ilícitas, para todos/as estes/as participantes a primeira experiência ocorreu com drogas ‘leves’, antes dos 17 anos (n=4), e em larga medida pelo contacto com outros consumidores (n=4) (e.g., “os meus colegas fumavam e eu também quis”). Ainda a propósito desta trajetória, é de salientar alguns resultados que não se mostraram consensuais. Desde logo, apenas um sujeito não era especialista no tráfico antes de se tornar dependente de drogas ‘duras’. Para este indivíduo o

seu comportamento delincente emergiu com furtos, por volta dos 17 anos (e.g., “os meus primeiros crimes foram roubos, ia com os meus colegas”). Além disso, também não foi unânime o facto de o primeiro contacto com drogas ‘duras’ ter ocorrido por volta dos 22 anos. Em concreto, para dois sujeitos o início da utilização de drogas ‘duras’ teve lugar numa idade mais precoce, embora motivado pela convivência com outros consumidores, à semelhança do que ocorreu relativamente aos/às restantes participantes (e.g., “experimentei heroína aos 17 anos, com um colega que me ofereceu”). Todos/as estes/as participantes envolveram-se no tráfico de drogas enquanto estavam dependentes das mesmas (n=5). No entanto, apenas um nunca cometeu mais nenhum tipo de crime (e.g., “O meu crime era, traficante de droga, comecei com 16 anos, mantive muitos anos, mas só fiz isso”), enquanto outros três se envolveram, quer no tráfico, quer em roubos (e.g., “cheguei a uma altura que comecei a roubar também”).

5. Quais as percepções dos/as participantes em relação ao consumo de drogas ilícitas e à prática de crimes?

Tabela 6: Temas e subtemas relativos às percepções dos/as participantes sobre o consumo de drogas ilícitas e a práticas de crimes

Eixo de análise	Temas (n) - Subtemas (n)
Perspetiva dos/as participantes sobre a influência do meio no consumo de drogas	O meio influenciou o consumo de drogas (n=10): - Zona de habitação social (n=5) - Consumos do grupo de pares (n=7)
Perspetiva dos/as participantes sobre a influência do meio na prática de crimes	O meio influenciou a prática de crimes (n=9)
Perspetiva dos/as participantes sobre se há diferença entre drogas ‘leves’ e ‘duras’	Há diferenças entre drogas ‘duras’ e ‘leves’ (n=6)
Percurso dos crimes	Auto-avaliação negativa do início dos consumos (n=7)

Para responder à presente questão importa retroceder ao eixo de análise *percurso dos consumos de drogas ilícitas*, para desenvolver os dois temas seguintes: *auto-avaliação positiva do início dos consumos* e *auto-avaliação negativa do início dos consumos*. Em concreto, apenas três participantes avaliaram o início dos seus próprios consumos de drogas ilícitas como positivo (e.g., “para mim foi positivo, era muito boa a moca que dava”). Pelo contrário, a maioria dos sujeitos (n=7) avaliou-o como negativo, apresentando as seguintes justificações: o início dos consumos de canábis levou ao consumo de drogas ‘duras’ (n=4)

(e.g., “porque um mês depois do haxixe já estava na heroína”); e perde-se muito mais do que se ganha (n=3) (e.g., “Foi negativo, perdi muito mais do que ganhei”).

Foi consensual entre os/as entrevistados/as que o meio influenciou no consumo de drogas, embora tendo sido identificadas justificações distintas, nomeadamente: consumos na família (n=2) (e.g., “os consumos do meu pai influenciaram, porque eu tinha sempre álcool à disposição e não via problema”); inserção numa zona de habitação social (n=5) (e.g., “eu vivia era num bairro social onde havia muito tráfico e também consumos”); grupo de pares consumiam (n=7) (e.g., “descobri que eles também consumiam heroína e eu quis experimentar”); e problemas familiares (n=3) (e.g., “os meus pais não tinham uma relação muito boa ... assisti a discussões e agressões em que eu e o meu irmão tínhamos de separar”).

A propósito da presente questão de investigação, interessou-nos explorar a perspetiva dos/as participantes relativamente a se há diferença entre drogas ‘leves’ e ‘duras’. Constatou-se, assim, que a maioria dos sujeitos (n=6) concorda com a referida diferenciação entre drogas ‘leves’, na qual enquadram a canábis e seus derivados, e drogas ‘duras’, na qual inserem a heroína, a cocaína e outras substâncias. Além disso, estes/as participantes justificaram tal distinção afirmando que: as drogas ‘duras’ causam mais danos e consequências (n=4) (e.g., “as drogas duras foram as que me causaram maiores danos”); e o consumo de drogas ‘leves’ leva ao consumo de drogas ‘duras’ (n=2) (e.g., “uma pessoa que consuma drogas leves, mais tarde vai querer sempre experimentar coisas novas”). Para os/as restantes participantes não há diferença entre drogas ‘leves’ e ‘duras’, pois argumentam que todas estas substâncias são igualmente prejudiciais (n=4) (e.g., “quer dizer droga é droga e todas alteram o sistema da pessoa”).

No que respeita às perceções sobre a prática de crimes, considerou-se importante perceber a perspetiva dos/as participantes sobre se o meio influenciou na prática de crimes. A maioria dos/as entrevistados/as (n=9) referiu que o *meio influenciou a sua conduta criminal*, o que justificaram fazendo referência às seguintes justificações: existência de *incentivos externos* (n=3) (e.g., “porque eu comecei com eles, eles é que me incentivaram a ir roubar com eles”); inserção numa *zona de habitação social* (n=4) (e.g., “principalmente o ambiente pesado dos amigos e do bairro onde vivia”); e *interação com pessoas com comportamentos desviantes* (n=4) (e.g., “não tive ninguém que me dissesse que não devia fazê-lo, porque eram todos como eu ou pior”). Apenas uma participante não considerou que o meio em que estava inserida a tivesse influenciado na sua prática de crimes (e.g., “Não, até porque o fiz sozinha. Foi só mesmo o desespero de querer consumir”).

6. Quais as percepções dos/as participantes sobre as possíveis associações entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes?

Tabela 7: Temas e subtemas relativos às percepções dos/as participantes sobre possíveis associações entre o consumo de drogas ilícitas e a prática de crimes

Eixo de análise	Temas (n) - Subtemas (n)
Perspetiva dos/as participantes sobre se há interligação entre droga e crime, em geral	Droga e crime interligados (n=10) - Onde há droga há crime (n=8)
Perspetiva dos/as participantes sobre se há ou não correlação entre droga e crime, nas suas trajetórias	Droga causou o crime (n=8) - No caso pessoal (n=8)

Atendendo aos objetivos da presente investigação, considerámos essencial analisar a *perspetiva dos/as participantes sobre se há interligação entre droga e crime, em geral*.

Foi consensual entre os/as participantes que de um modo geral, quando há estas duas trajetórias, o consumo de drogas ilícitas causa a prática de crimes. Como justificação para esta interrelação entre droga e crime, a maioria dos sujeitos referiu que *onde há droga há crime* (n=8) (e.g., “o toxicodependente chega a um ponto em que só com o crime é que consegue ter dinheiro para os consumos”), enquanto outros dois consideraram que *droga é ilegal logo é crime* (n=2) (e.g., “só tê-la no bolso já é um crime”). Contudo, três participantes consideraram também que *o crime pode causar consumos de drogas*, embora menos frequentemente (e.g., “o crime também pode levar à droga para terem mais coragem”).

Neste estudo foi também explorada a *perspetiva dos/as participantes sobre se há ou não correlação entre droga e crime, nas suas trajetórias*. Em termos de resultados, verificou-se que na experiência pessoal da maioria dos/as entrevistados/as (n=8) a *droga causou o crime* (e.g., “foram os consumos que me levaram ao crime por necessidade”). Para dois participantes *droga e crime estão relacionados mas não há causalidade*. Em termos da sua experiência pessoal, embora já consumissem drogas ilícitas e só depois tivessem começado a praticar crimes, estes sujeitos reiteraram que não havia qualquer relação de causalidade entre os dois comportamentos (n=2) (e.g., “comecei a traficar porque queria dinheiro fácil”). Apenas um destes sujeitos explicitou ter mantido sempre um consumo diário de canabinóides e a prática do crime de tráfico. Todavia, este participante esclareceu que tal conduta criminal se justificava somente enquanto forma de conseguir um elevado nível económico, tendo considerado que *não há correlação entre droga e crime* (e.g., “porque eu só consumia haxixe e álcool ... e para isso tinha dinheiro”).

Capítulo III – Discussão e conclusão

Neste capítulo final pretende-se integrar os dados empíricos e confrontá-los com a literatura da área, como forma de alcançar os objetivos do estudo. Além disso, tecem-se as principais conclusões, reflete-se acerca das limitações da presente investigação e sugerem-se pistas para estudos futuros. Como defendem Braun e Clarke (2006), nos trabalhos de investigação a narrativa analítica precisa de ir além da descrição dos dados, é preciso fazer uma discussão em relação aos dados empíricos e à pesquisa teórica.

Desde logo, importa referir que o percurso de consumo de drogas encontrado na nossa amostra vai ao encontro do que é habitualmente descrito na literatura da área.

Em concreto, todos/as os/as participantes neste estudo iniciaram os seus consumos de drogas ilícitas com os canabinóides, sobretudo antes dos 15 anos de idade e só mais tarde encetaram a utilização de drogas ‘duras’ (cocaína e heroína), maioritariamente entre os 15 e os 18 anos. Tal é congruente com os resultados de Agra e Matos (1997).

Além disso, as substâncias usadas pelos sujeitos da nossa amostra estão de acordo com aquelas que são descritas na maioria dos estudos nacionais e internacionais: canábis, heroína e cocaína (e.g., Silva, 2004). No presente trabalho a heroína destacou-se enquanto droga de eleição maioritária, o que também é documentado noutros estudos concretizados com amostras idênticas (e.g., Cruz, 2011).

Semelhanças entre esta e outras investigações encontram-se ainda no que se refere às circunstâncias dos consumos, nomeadamente por ser consensual na nossa amostra que as primeiras experiências de uso drogas ilícitas ocorrem quando os sujeitos estão acompanhados e sobretudo por pessoas que já utilizam estas substâncias. De facto, a importância do envolvimento com pares consumidores é realçada na literatura especializada, quer por facilitar a disponibilidade das drogas (Cruz, 2011; Schwabe et al., 2011), quer por influenciar a curiosidade sobre as substâncias e a vontade de as utilizar (Cruz, 2011).

No presente estudo, mais de metade da amostra avaliou o seu percurso de consumo de drogas como negativo, o que vai ao encontro do que é veiculado na bibliografia especializada. É, na realidade, amplamente reconhecido que o consumo de drogas (sobretudo quando se trata de um padrão de toxicod dependência) tende a acarretar inúmeros prejuízos, quer para o próprio, quer para terceiros e para a sociedade em geral (e.g., Cardoso, 2001; Chalub & Telles, 2006; Cruz, 2011). Na nossa amostra, os/as participantes destacam sobretudo as

consequências negativas do consumo em termos pessoais, interpessoais e ocupacionais, o que é congruente com os dados apresentados por Silveira (2004).

De destacar ainda que, mais de metade dos/as participantes do presente estudo, admitiram que antes do atual tratamento já haviam tentado terminar com os seus consumos de drogas, o que é também comumente documentado noutros trabalhos (e.g., Agra & Matos, 1997; Cruz, 2011). Relativamente ao percurso criminal dos/as participantes desta investigação, importa desde logo salientar que todos/as encetaram a prática de crimes só depois de já estarem envolvidos no consumo de drogas ilícitas. Além disso, foi consensualmente admitido que a perpetração dos crimes ocorreu sob o efeito de determinada droga. Tais dados vão ao encontro dos que são retratados por Manita (2000). Tal como na nossa amostra, no estudo português da referida autora, a maior parte dos/as consumidores/as assumiu a conduta criminal e embora nem todos fossem capazes de explicar a associação entre o consumo de drogas e a prática de crimes, os que o fizeram salientaram: o crime como resultado da necessidade compulsiva de aquisição e uso das drogas de que estavam dependentes; e o crime ocorreu sob o efeito de drogas (Manita, 2000).

Como foi referido no enquadramento teórico, o modelo explicativo da relação droga-crime que, desde o século XX, se tem mostrado predominante, quer ao nível do discurso social, quer no seio da comunidade científica, estabelece uma relação de causalidade linear entre o consumo de drogas e o comportamento criminal, considerando que o primeiro origina o segundo (cf. Cruz et al., 2014).

Apesar da hegemonia de tal perspetiva, verifica-se atualmente um aumento de abordagens alternativas (Cruz et al., 2014; Manita, 2000). Tais perspetivas “recusam a linearidade de uma relação causal e direta entre droga e crime, embora não neguem a existência de uma ligação entre ambos” (Cruz et al., 2014, p. 60).

No entanto, os dados do presente estudo não vão ao encontro de tais abordagens alternativas. Pelo contrário, fazem eco da noção, amplamente veiculada, de que a conduta delinvente e criminal resulta da necessidade urgente do toxicodependente de obter meios financeiros para a aquisição da droga (Joaquim, 2005; Torres & Gomes, 2005). Na nossa amostra, a maioria dos sujeitos (n=8) admitiu ter cometido crimes pela necessidade de financiar a sua dependência de drogas ilícitas. Os/as participantes descreveram um aumento da prática criminal, que justificaram pelo aumento dos consumos, e relataram a perpetração de vários tipos de crimes, maioritariamente tráfico, roubo e furto, associando-os sempre à necessidade de arranjar recursos para a utilização das drogas. Além disso, na nossa amostra, a maioria dos sujeitos (n=7) afirmou ter parado o comportamento criminal a partir do momento

em que deixaram de consumir drogas ilícitas, à semelhança do que é documentado em trabalhos anteriores (e.g., Nurcoet al., 1985, as cited in Stenbacka & Stattin, 2007).

A este nível, importa ainda salientar que a maioria dos/as participantes da nossa amostra enquadrou-se na trajetória desviante toxicodependente-delinquente (Agra, 2008; Agra & Matos, 1997), já que 60% afirmou ter passado da utilização de drogas ‘leves’ para o consumo regular de drogas ‘duras’ e para um padrão de toxicodependência e só nesta última fase ter encetado a prática criminal, quando necessário, como forma de sustentar os seus consumos. A acrescer a esta experiência pessoal, é de realçar que os/as entrevistados/as veiculam a perceção que, de uma forma geral, quando um indivíduo consome drogas acaba por praticar crimes, ou seja, que a droga é a causa da criminalidade.

Um dado que nos parece relevante destacar prende-se com o facto de, no nosso estudo, nenhum participante se ter enquadrado na trajetória desviante delinquente-toxicodependente, precisamente aquela que no estudo original contemplava mais sujeitos (Agra, 2008; Agra & Matos, 1997). De acordo com Agra e Matos (1997), nesta trajetória o registo de comportamentos desviantes precede qualquer consumo de drogas ilícitas, o que não se constatou em nenhum dos/as participantes da nossa amostra. Na nossa perspetiva tal pode ser compreendido, entre outros, pelas diferenças de metodologia e amostra entre o presente estudo e o de Agra e Matos (1997), e/ou por uma possível alteração das características dos sujeitos que exibem comportamentos de consumo e de prática de crimes.

Face ao exposto, é irrefutável que os dados da presente investigação confirmam a amplamente reconhecida associação entre o consumo de drogas e a prática de crimes.

De referir ainda que, neste estudo, os/as participantes destacaram a influência que o meio exerceu sobre os seus consumos de drogas ilícitas e sobre o seu comportamento criminal, o que vai ao encontro dos dados apresentados por Agra e Matos (1997). Estes autores salientaram que a explicação para os comportamentos aditivos ou delinquentes tende, de facto, a ser atribuída ao contexto, e raramente ao próprio indivíduo.

Para terminar e retomando os objetivos centrais da presente investigação, concluímos que a nossa amostra de indivíduos toxicodependentes internados/as numa comunidade terapêutica se enquadra na tipologia de trajetórias desviantes droga-crime proposta por Agra e Matos (1997), ainda que não totalmente (já que nenhum sujeito se enquadrou na trajetória delinquente-toxicodependente). Relativamente às perceções dos/as participantes sobre tais trajetórias e sobre possíveis relações entre elas concluímos que, além desta experiência pessoal, os sujeitos veiculam a perceção de que a droga é a causa da criminalidade. Sublinhe-

se que os dados da nossa amostra reforçam, de forma inequívoca, a conceção de que droga e crime são dois fenómenos intimamente associados.

Importa ainda salientar que, do nosso ponto de vista, a relevância do presente trabalho justifica-se pelo facto de explorar um fenómeno de grande relevância atual (quer pela sua prevalência e incidência, quer pelos seus potenciais prejuízos) e relativamente pouco estudado em Portugal, um país onde o mais importante conjunto de estudos a este nível foi concretizado ainda no século XX.

No entanto, esta investigação encerra também algumas limitações, de entre as quais se destaca o facto de não se ter obtido uma narrativa mais aprofundada dos sujeitos, sobretudo em relação à associação droga-crime. Do mesmo modo, consideramos que teria sido importante apresentar aos/às participantes as trajetórias desviantes propostas por Agra e Matos (1997) e solicitar que fossem os próprios a enquadrar-se numa delas, explicando o porquê de tal opção. Tal procedimento teria a vantagem de “dar mais voz” à perspetiva dos/as participantes e de permitir uma posterior comparação entre o autopoicionamento do sujeito e o enquadramento do mesmo numa das referidas trajetórias desviantes por parte do investigador. Parece-nos, portanto, tratar-se de uma pista relevante para futuros estudos sobre o fenómeno droga-crime.

Do mesmo modo, julgamos importante que se continuem a concretizar trabalhos de investigação acerca deste fenómeno, ampliando e diversificando as amostras contempladas, para que se consiga obter uma melhor compreensão e intervenção a este nível. É ainda de salientar que, na presente investigação, uma das principais dificuldades experienciadas prendeu-se com a comparação dos nossos resultados com os de Agra e Matos (1997), em virtude das diferenças de metodologia e de amostra. Assim sendo, consideramos que seria interessante realizar estudos futuros que replicassem, ao máximo, a metodologia e a amostra contempladas no trabalho de Agra e Matos (1997).

Referências bibliográficas

- Agra, C. & Agra, A. (2012). O biograma-97 AM fundamentação do método e aplicação à relação droga-crime. In C. Agra (Coord.), *A criminologia: um arquipélago interdisciplinar* (pp. 515-533). Porto, Portugal: UPorto Editorial.
- Agra, C. & Matos, A. (1997). *Droga/crime: Estudos interdisciplinares. Trajectórias desviantes*. Lisboa, Portugal: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Agra, C. (2008). *Entre droga e crime* (2ª Ed.). Alfragide, Portugal: Casa das Letras.
- American Psychiatric Association [APA] (2011). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais DSM-IV-TR* (4ªed., Texto revisto, 2ª reimpressão). Lisboa: Climepsi Editores.
- American Psychiatric Association [APA] (2013). Substance-related and addictive Disorders. *DSM-5*. Retrieved from <http://www.dsm5.org/Documents/Substance%20Use%20Disorder%20Fact%20Sheet.pdf>
- Best, D., Day, E., Homayoun, S., Lenton, H., Moverley, R., & Openshaw, M. (2008). Treatment retention in the drug intervention programme: Do primary drug users fare better than primary offenders? *Drugs: education, prevention and policy*, 15(2), 201–209. doi: 10.1080/09687630701198165
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Bukten, A., Skurtveit, S., Gossop, M., Waal, H., Stangeland, P., Havnes, I., & Clausen, T. (2011). Engagement with opioid maintenance treatment and reductions in crime: a longitudinal national cohort study. *Addiction*, 107, 393–399. doi: 10.1111/j.1360-0443.2011.03637.x
- Cardoso, C. (2001). “Droga”. Um problema de saúde pública. *Saúde Mental*, 3(4), 9-17. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6886/2/38341.pdf>
- Chalub, M. & Telles, L. (2006). Álcool, drogas e crime. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28 (Supl II), S69-S73. doi: 10.1590/S1516-44462006000600004

- Comiskey, C., Stapleton, R., & Kelly, P. (2012). Ongoing cocaine and benzodiazepine use: Effects on acquisitive crime committal rates amongst opiate users in treatment. *Drugs: education, prevention and policy*, 19(5), 406–414. doi: 10.3109/09687637.2012.668977
- Conner, B., Stein, J., & Longshore, D. (2008). Examining self-control as a multidimensional predictor of crime and drug use in adolescents with criminal histories. *The Journal of Behavioral Health Services & Research*, 36(2), 137-149. doi: 10.1007/s11414-008-9121-7
- Cruz, O. (2011). *Histórias e trajetórias de consumidores 'não problemáticos' de drogas ilícitas*. [Tese de Doutoramento]. Braga: Universidade do Minho
- Cruz, O., Silva, C., Pinto, V., Santos, H., & Silva, J. (2014). Drogas ilícitas e crime: Ligações e repercussões. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 6, 57-79. Retrieved from http://www.spppj.com/uploads/n_6.pdf
- Darke, S. (2010). The toxicology of homicide offenders and victims: A review. *Drug and Alcohol Review*, 29, 202–215. doi: 10.1111/j.1465-3362.2009.00099.x
- Diário da República (2013, Abril). Decreto-Lei n.º 54/2013, de 17 de abril. Retrieved from <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2013/04/07500/0225402257.pdf>
- Dunlap, L., Zarkin, G., Lennox, R., & Bray, J. (2007). Do treatment services for drug users in outpatient drug-free treatment programs affect employment and crime. *Substance Use & Misuse*, 42, 1161–1185. doi: 10.1080/10826080701409925
- Enoch, M. (2011). The role of early life stress as a predictor for alcohol and drug dependence. *Psychopharmacology*, 214(1), 17-31. doi: 10.1007/s00213-010-1916-6.
- Estévez, E. & Emler, N. (2011). Assessing the links among adolescent and youth offending, antisocial behaviour, victimization, drug use, and gender. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 11(2), 269-289. Retrieved from http://www.aepc.es/ijchp/articulos_pdf/ijchp-380.pdf
- Ferreira-Borges, C. & Filho, H. (2004). Caracterização e perspectivas históricas. In C. Ferreira & H. Filho (Eds.), *Alcoolismo e Toxicoddependência: Manual Técnico 2* (pp. 3-27). Lisboa: Climepsi Editores.

- Fonte, C. (2006). Comportamentos aditivos: Conceitos de droga, classificações de drogas e tipos de consumos. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 3, 104-112. Retrieved from: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/450/2/238-250FCHS04-16.pdf>
- Fonte, C. (2007). O consumo de drogas e os comportamentos aditivos: Modelos teórico-explicativos. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 4, 238-250. Retrieved from: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/450/2/238-250FCHS04-16.pdf>
- Fortin, M. F. (2009). O processo de investigação – da concepção à realização. Loures: Lusociência.
- Friedmann, P., Green, T., Taxman, F., Harrington, M., Rhodes, A., Katz, E., O’Connell, D., Martin, S., Frisman, L., Litt, M., Burdon, W., Clarke, J., & Fletcher, B. (2011). Collaborative behavioral management among parolees: drug use, crime and re-arrest in the Step’n Out randomized trial. *Addiction*, 107, 1099–1108. doi:10.1111/j.1360-0443.2011.03769.x
- Hendrickson, J. & Gerstein, D. (2005). Criminal involvement among young male ecstasy users. *Substance Use & Misuse*, 40, 1557–1575. doi: 10.1081/JA-200066893
- Infopédia (n.d.). Dicionário da Língua Portuguesa - com Acordo Ortográfico: smartshop .Porto: Porto Editora. Retrieved October, 7, 2014, from <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/smart%20shop;jsessionid=Co9Rx9Idb6ncg9WvXrXkdg>
- Joaquim, H. (2005). Criminalidade e consumo de substâncias ilícitas. *Revista Toxicodependências*, 11(1), 53-64. Retrieved from http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/107/2005_01_TXT6.pdf
- Löbmann, R. & Verthein, U. (2009). Explaining the Effectiveness of Heroin-assisted Treatment on Crime Reductions. *Law and Human Behavior*, 33, 83–95. doi: 10.1007/s10979-008-9138-8
- Lopes, R., Mello, D., & Argimon, I. (2010). Mulheres encarceradas e fatores associados a drogas e crimes. *Ciências & Cognição*, 15 (2), 121-131. Retrieved from http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v15_2/11_121-131_m308.pdf
- Macedo, E. (2009). A dimensão temporal na vida do toxicodependente: A educação como processo estruturante. *Revista CM Status Online Saúde-Educação*, 4, 14-17. Retrieved from

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11844/1/A%20dimens%C3%A3o%20temporal%20do%20txd%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Maher, L., Dixon, D., Hall, W., & Lynskey, M. (2002). Property crime and income generation by heroin users. *The Australian And New Zealand Journal Of Criminology*, 35(2), 187–202. doi: 10.1375/acri.35.2.187

Manita, C. (2000). Das descobertas privadas aos crimes públicos: evolução dos significados em trajectórias de droga-crime. *Revista Toxicodependências*, 6 (2), 17-31. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/5539/2/3821.pdf>

Matos, A. (2008). Trajectórias droga-crime: um estudo empírico. In A. Torres & A. M. Lito (Orgs.), *Consumos de drogas. Dor, prazer e dependências* (pp. 129-143). Lisboa, Portugal: Fim de Século.

McCollister, K., French, M., Sheidow, A., Henggeler, S., & Halliday-Boykins, C. (2007). Estimating the differential costs of criminal activity for juvenile drug court participants: Challenges and Recommendations. *The Journal of Behavioral Health Services & Research*, 36(1), 111-126. doi: 10.1007/s11414-007-9094-y

Mendes, S. (2000). Property crime and drug enforcement in Portugal. *Criminal Justice Policy Review*, 11(3), 195-216. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3781/1/Property%20Crime%20and%20Drug%20Enforcement%20in%20Portugal.pdf>

Mezzich, A., Tarter, R., Feske, U., Kirisci, L., McNamee, R., & Day, B. (2007). Assessment of risk for substance use disorder consequent to consumption of illegal drugs: Psychometric validation of the neurobehavioral disinhibition trait. *Psychology of Addictive Behaviors*, 21 (4), 508–515. doi: 10.1037/0893-164X.21.4.508

Moreira, J. (2006). *Estatísticas prisionais 2006: Apresentação e análise*. Portugal: Ministério da Justiça -Direção Geral dos Serviços Prisionais. Retrieved from [http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/relatorioestatistico/20080129040134Relatorioestatistico2006\[1\].pdf](http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/relatorioestatistico/20080129040134Relatorioestatistico2006[1].pdf)

Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência [OEDT] (2013). *Data statistical bulletin 2013: Drug users in prison*. Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. Retrieved from <http://www.emcdda.europa.eu/stats13#dup:displayTables>

- Oficina de las Naciones Unidas contra la Droga y el Delito [UNODC] (2014). *Informe mundial sobre las Drogas 2014*. Nueva York: Naciones Unidas. Retrieved from https://www.unodc.org/documents/wdr2014/V1403603_spanish.pdf
- Organización Mundial de la Salud [OMS] (1994). Glosario de términos de alcohol y drogas. Madrid: Ministerio de Sanidad y Consumo Centro de Publicaciones. Retrieved from <http://pt.scribd.com/doc/59235261/definicion-de-terminos-drogas-y-alcohol>
- Pedersen, W. & Skardhamar, T. (2009). Cannabis and crime: findings from a longitudinal study. *Addiction*, *105*, 109–118. doi:10.1111/j.1360-0443.2009.02719.x
- Schwabe, L., Dickinson, A. & Wolf, O. (2011). Stress, habits, and drug addiction: A psychoneuroendocrinological perspective. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, *19* (1), 53–63. doi: 10.1037/a0022212
- Silva, R. (2004). Prevenção das toxicodependências – Porquê eu?. *Análise Psicológica*, *22*(1), 269-271.
Retrieved from <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v22n1/v22n1a24.pdf>
- Silveira, S. (2004). Perturbações mentais e do comportamento. In C. Ferreira & H. Filho (Eds.), *Alcoolismo e Toxicod dependência: Manual Técnico 2* (pp. 115-124). Lisboa: Climepsi Editores.
- Solloway, T., Slater, M., Chung, A., & Goodall, C. (2013). Anger, Sadness, and Fear responses to crime and accident news stories: How emotions influence alcohol-control policies support via risk concern. *Journal of Media Psychology*, *25*(4), 160–170. doi: 10.1027/1864-1105/a000098
- Stenbacka, M. & Stattin, H. (2007). Adolescent use of illicit drugs and adult offending: a Swedish longitudinal study. *Drug and Alcohol Review*, *26*, 397 – 403. doi: 10.1080/09595230701373875
- Torok, M., Darke, S., & Kaye, S. (2011). Predisposed violent drug users versus drug users who commit violence: Does the order of onset translate to differences in the severity of violent offending. *Drug and Alcohol Review*, *31*, 558–565. doi: 10.1111/j.1465-3362.2011.00332.x
- Torres, A. & Gomes, M. (2005). Drogas e prisões: Relações próximas. *Revista Toxicod dependências*, *11* (2), 23-40.

Retrieved from http://www.analiatorres.com/pdf/Drogas_e_prisoas_relacoes_proximas.pdf

- Valdez, A., Kaplan, C., & Curtis, R. (2007). Aggressive crime, alcohol and drug use, and concentrated poverty in 24 U.S. Urban Areas. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 33, 595–603. doi: 10.1080/00952990701407637
- Walters, G. (2012). Substance Abuse and Criminal Thinking: Testing the countervailing, mediation, and specificity hypotheses. *Law and Human Behavior*, 36(6), 506–512. doi: 10.1037/h0093936
- Walters, G. (2014). Crime and substance misuse in adjudicated delinquent youth: The worst of both worlds. *Law and Human Behavior*, 38(2), 139–150. doi: 10.1037/lhb0000050
- Wilkins, C. & Sweetsur, P. (2010). The association between spending on methamphetamine/amphetamine and cannabis for personal use and earnings from acquisitive crime among police detainees in New Zealand. *Addiction*, 106, 789–797. doi:10.1111/j.1360-0443.2010.03241.x

Anexos

ANEXO A

Guião da entrevista semiestruturada

Entrevista semiestruturada: “Relações droga-crime”

A) Caracterização sociodemográfica

- Sexo _____
- Que idade tens?
- Como te autoposicionas quanto ao teu nível socioeconómico?
- És autónomo economicamente, ou eras antes de entrar para tratamento?
- Por que motivo estás internado?
- Há quanto tempo estás em tratamento?
- Tens um agregado familiar numeroso?
- Como caracterizas a tua relação com o teu núcleo familiar? (pais, irmãos, avós e tios, tentar especificar cada um deles)
- Constituíste família? (descreve-a) Se sim, como é a relação entre vocês?
- Consideras-te uma pessoa com uma boa vinculação social? (se na infância tinha uma relação segura com a mãe/pai e se podia confiar neles; se tem amigos, facilidade em fazer amigos, se tem pessoas que o apoiam, como acha que os outros o vêem)
- Qual é o teu nível de escolaridade?
- Como foi o teu percurso escolar? (se reprovou muitas vezes, se mudou de escola, como era o desempenho/rendimento, gostava de estudar, faltava muito... que escolaridade tem, com que idade deixou e estudar)
- Com que idade começaste a trabalhar?
- Em que trabalhos? Como era a satisfação? Se mudou várias vezes e porquê? O último emprego? Antes de serem internados se foram despedidos ou mantêm o emprego?
- Que planos tens para o teu futuro? (trabalhar, estudar...)

B) Caracterização dos consumos de drogas ilícitas

- Com que idade consumiste pela primeira vez drogas ilícitas?
- Consumiste pela primeira vez, sozinho ou acompanhado?
- Qual foi a droga ilícita que experimentaste pela primeira vez?
- Quais os motivos que te levaram a consumir drogas?

- De uma maneira geral, como avalias o início dos teus consumos? (foi positivo ou negativo, perdeste ou ganhaste mais coisas, explicar, caraterizar...)
- Para ti existe diferença entre drogas leves e duras? Porquê?
- Quais são para ti as drogas leves e as drogas duras?
- Com que idade consumiste pela primeira vez drogas ilícitas duras? E quais?
- Para ti, qual é a justificação para teres consumido drogas ilícitas duras?
- Que droga consumias maioritariamente?
- Com que regularidade e frequência?
- Costumavas consumir maioritariamente sozinho ou acompanhado?
- Consideras que o ambiente/meio onde vivias, e/ou que frequentavas influenciou os teus consumos?
- Que outras drogas já consumiste? E em que circunstâncias? (sozinho, meio...)

C) Caracterização da atividade criminal

- Com que idade cometeste o primeiro crime?
- Qual foi o primeiro crime que cometeste? (fruto, tráfico, violência...)
- Que motivações te levaram a cometer o primeiro crime?
- Em que circunstâncias cometeste o primeiro crime? (sozinho, acompanhado...)
- O teu primeiro crime foi cometido sobre o efeito de alguma droga ilícita? Qual? Porquê?
- Se não tivesses consumido, achas que te tinhas envolvido nesse crime? Porquê?
- Qual o crime que cometeste mais vezes?
- Com que frequência?
- Com que finalidade cometeste crimes?
- Consideras que o ambiente/meio onde vivias, e/ou que frequentavas influenciou na prática de crimes?
- A maioria desses crimes foi perpetrada sob o efeito de substâncias? Quais? Porquê?
- Em que circunstâncias cometeste a maior parte dos crimes? (sozinho ou acompanhado)
- Já tiveste problemas com a justiça?
 - Quais?
 - Porquê?
 - Quantos? Com que idades?
 - Já cumpristes alguma pena? Quantas? Em que idades? E quais?

- Que consequências isso trouxe para ti? (mudanças no comportamento...)

D) Percepções sobre a associação droga-crime

- Para ti a droga e o crime estão interligados? Em quê? Porquê?
- Achas que em geral é a droga que leva ao crime, ou é o crime que leva a droga, ou estão os dois relacionados sem ser um a levar ao outro (nenhum justifica o outro), ou achas que não há nenhuma relação entre eles? Porquê?
- Relativamente ao teu caso foi a droga que levou ao crime, ou o contrário, ou não teve nenhuma relação, ou os dois estão interligados? Porquê? Em quê?
- Consegues descrever o teu percurso até começares a consumir/ cometer algum crime?
- O que pensas sobre os consumos (achas positivos ou negativos, que consequências achas que isso tem ao nível psicológico, familiar, social, saúde física, em termos legais e ocupacionais (estudos e trabalho) aspetos negativos e positivos, as motivações que levaram aos consumos, à sua manutenção e ao término)
- O que pensas sobre os crimes? (achas positivos ou negativo, que consequências achas que isso tem ao nível psicológico, familiar, social, saúde física, em termos legais e ocupacionais (estudos e trabalho) aspetos negativos e positivos, as motivações que levaram ao início dos crimes, à sua manutenção e seu término)

ANEXO B

Consentimento informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, aceito participar na investigação, a decorrer no âmbito do Mestrado em Psicologia da Justiça do Instituto Superior da Maia, sobre «Relação entre Droga-Crime». Compreendo que a minha participação é totalmente voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem que para isso tenha que dar qualquer explicação ou que haja qualquer consequência.

Foram-me explicados os seguintes pontos:

- O objectivo da investigação é perceber se o sujeito entrevistado se enquadra numa das três categorias propostas por Agra (2008).
- Os procedimentos para a realização do estudo são os seguintes: falarei acerca das temáticas que me serão propostas pela investigadora, podendo sempre recusar a abordagem de qualquer assunto. A entrevista será gravada em áudio. Ser-me-á ainda solicitada a colaboração para, numa fase final da investigação, me serem devolvidos os principais resultados para que me pronuncie sobre o meu grau de acordo sobre eles.
- Toda a informação recolhida será tratada de forma confidencial. Somente a investigadora e os responsáveis pela supervisão, Prof. Doutora Olga Cruz e Prof. Doutor Fernando Almeida, terão acesso aos dados. Na publicação de eventuais trabalhos de carácter científico a minha identidade ficará protegida, não sendo revelado o meu nome nem qualquer característica que me possa identificar directamente.
- Concluído o projecto, e se for do meu interesse, ser-me-á facultada uma cópia das conclusões centrais.

Compreendo o que este estudo envolve e concordo em participar. Foi-me entregue uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

]

Data

Assinatura Participante

Assinatura Investigador

ANEXO C

Tabela de análise dos dados empíricos

<i>Eixos de análise</i>	<i>Temas principais</i>	<i>Subtemas</i>	<i>Nº de respostas</i>	<i>Exemplos</i>
Motivo para tratamento	Tratamento por motivação própria	Aditos/as em substâncias	1 1 1 1 1 1 1 1 - 8/10	“por causa das drogas”
		Incentivo da segurança social	1 – 1/10	“Fui incentivada, pela segurança social, para poder recuperar o meu filho”
	Tratamento por imposição	Tratamento compulsivo	1 – 1/10	“ por ter botado fogo a casa três vez”
Relações familiares	Relações familiares positivas	Prestação de apoio	1 1 1 1 1 – 5/10	“tenho uma boa relação com os meus pais, sempre me apoiaram em tudo”
		Reconstrução das relações	1 1 1 1 1 – 5/10	“Tem vindo a melhor ... principalmente agora que estou a trabalhar para deixar as drogas”
	Relações familiares negativas	Pelo consumo de drogas e/ou crimes	1 1 1 1 1 1 1 1 1 – 9/10	“também devido aos meus consumos afastei-me um bocado deles”
		Vítima de violência	1 – 1/10	“mais ou menos desde da infância, sempre houve agressões físicas e verbais por parte da minha mãe”
Relações sociais	Débil relacionamento social	Por timidez	1 1 1 – 3/10	“eu sou uma pessoa, que quando não conheço não sou de me dirigir as pessoas”
	Bom relacionamento social	Respeito pelas pessoas	1 1 1 1 – 4/10	“respeita para seres respeitado”
		Facilidade em se relacionar e manter relações	1 1 1 – 3/10	“para mim é muito fácil fazer amigos e manter relações”
Percurso escolar	Deixou de estudar por necessidade	Necessidade de ajudar economicamente em casa	1 – 1/10	“Eu gostava de ter continuado a estudar, mas não me foi permitido ... eu fui trabalhar para sustentar a

				casa”
	Deixou de estudar por vontade própria	Absentismo	1 1 1 1 – 4/10	“ciclo foi por faltar por começar a consumir álcool, deixei de ir a escola”
		Vontade de começar a trabalhar	1 1 1 1 1 1 1 1 1 – 9/10	“chegou aquela altura e não quis estudar mais e fui trabalhar”
	Nível de escolaridade	1º ciclo completo	1 1 1 1 1 – 5/10	“Eu sai da 4º classe com 14 anos, sai por causa da idade”
		2º ciclo completo	1 1 1 – 3/10	“tenho o 9º ano”
		3º ciclo completo	1 1 – 2/10	“12º com um curso profissional”
	Percurso escolar irregular	Reprovações	1 1 1 1 1 1 1 – 7/10	“Reprovei duas ou três vezes, até que deixei de ir”
	Percurso escolar regular	Bom aluno	1 1 1 – 3/10	“Tinha boas capacidades ... passava a tudo”
	Deixou a escola antes dos 15 anos		1 1 1 – 3/10	“sai para aí aos 12 anos”
	Deixou a escola depois dos 15 anos		1 1 1 1 1 1 1 – 7/10	“tinha deixado a escola, aos meus 16 anos”
Percurso laboral	Sem percurso laboral	Nunca trabalhou	1 – 1/10	“nunca trabalhei, depois de acabar o 6º ano, foi só droga, droga, droga, até aos 23”
	Percurso laboral estável	Mantém o posto mesmo de trabalho	1 1 1 – 3/10	“quando sair daqui tenho o trabalho à minha espera, sempre trabalhei no mesmo sítio”
	Percurso laboral instável	Mudou com frequência de posto de trabalho	1 1 1 1 1 1 – 6/10	“trabalhei em tanta coisa”
Percurso dos consumos de drogas ilícitas	1º experiência de drogas ilícitas na adolescência	Antes dos 15 anos	1 1 1 1 1 1 – 6/10	“Comecei a fumar haxixe aos 11 anos”
		Depois dos 15 anos	1 1 1 1 – 4/10	“16 anos, fumei erva”
	1º experiência de drogas ilícitas com canabinóides		1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 - 10/10	“a 1ª vez que toquei em drogas, fumei um charro de erva”
	Consumo de canabinóides por	Curiosidade	1 1 1 1 – 4/10	“gostava de experimentar de

motivação própria			tudo, sensações novas”
	Desinibição	1 1 1 – 3/10	“desinibir-se porque era uma pessoa muito tímida”
	Inserção no grupo de pares	1 1 1 – 3/10	“queria inseri-me no grupo”
1ª experiência de canabinóides por influência do grupo de pares	Incentivo do grupo consumidor	1 1 1 1 1 1 – 6/10	“Os amigos a dizerem para consumir, diziam que era fixe que era bom, e eu quis”
1º consumo de canábis, sozinho/a		1 – 1/10	“ouvir os outros a falar, e eu cheguei a um dia e disse “pronto há que experimentar também”
1º consumo de canábis, acompanhado/a	Com o grupo de pares que já consumiam	1 1 1 1 1 1 1 – 8/10	“Acompanhada, com os meus amigos que já fumavam”
	1ª experiência para todo o grupo	1 – 1/10	“Acompanhado experimentamos todos ao mesmo tempo”
Motivação própria, para experimentar drogas ‘duras’	Curiosidade	1 1 1 1 1 1 – 6/10	“é que uma pessoa queria descobrir coisas novas”
	Procura de um refugio	1 1 1 1 – 4/10	“tentar procurar um ponto positivo ... como um refúgio”
Influência do grupo de pares na 1ª experiência de drogas ‘duras’	Incentivo do grupo já consumidor	1 1 1 1 1 1 – 5/10	“amigos que consumiam e incentivaram-me eu acabei por entrar na onda deles”
1º consumo de drogas ‘duras’ na adolescência	Entre os 15 e os 18 anos	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 – 10/10	“eu consumi heroína aos meus 16 anos”
Heroína como 1ª droga ‘dura’ experimentada		1 1 1 1 1 1 – 6/10	“a 1ª vez foi heroína fumada”
Cocaína como 1ª droga ‘dura’ experimentada		1 1 1 – 3/10	“experimentei cocaína”
Heroína e cocaína, na 1ª	Experimentaram as duas no mesmo dia	1 – 1/10	“duas no mesmo dia, de manhã

Percurso dos consumos de drogas ilícitas	experiência de drogas 'duras'			experimentei heroína e a tarde cocaína”
	1ª experiência de drogas 'duras' acompanhado/a	Com grupo de pares já consumidores	1 1 1 1 1 1 1 1 1 – 9/10	“com amigos que consumiam”
		Com colegas de trabalho	1 – 1/10	“Era um polícia militar, trabalhávamos juntos e ele deu-me”
	Longo período de tempo, até a 2ª experiência de drogas 'duras'	Mais de 5 anos	1 – 1/10	“heroína, tinha 29 anos, e cocaína com 17 anos”
	Curto período de tempo, até a 2ª experiência de drogas 'duras'	Meses	1 1 1 1 1 1 – 6/10	“Um pouco mais tarde, para ia 3/4 meses, experimentei cocaína”
	Inexistência de outra experiência de drogas 'duras'		1 1 1 – 3/10	“heroína e haxixe, nunca consumi cocaína nem mais nada”
	Consumos de heroína e cocaína	Em simultâneo (Speedball)	1 – 1/10	“consumir as duas juntas, chamava-se o “speedball”
		Maioritariamente heroína	1 1 1 1 1 – 5/10	“Cocaína e heroína, mas mais heroína”
		Maioritariamente cocaína	1 1 – 2/10	“eu consumia muito mais coca”
		Heroína depois dos consumos de cocaína, para acalmar	1 1 - 2/10	“para ter sensações diferentes, uma baixa e outra alta”
	Frequência dos consumos de canábis	Diariamente mesmo depois dos consumos de drogas 'duras'	1 1 1 – 3/10	“pegava num cigarro era um charro, fumava todos os dias e muito, a heroína consumia só de vez enquanto”
		Diariamente até aos consumos de drogas 'duras'	1 1 1 1 1 1 – 6/10	“mantive até aos começar a consumir drogas duras”
		Só uma vez (experiência)	1 – 1/10	“nunca mais fumei, tive a sorte de não gostar”
	Frequência dos consumos de cocaína	Inexistentes	1 1 – 2/10	“eu nunca experimentei coca, porque gostava muito de heroína”
		Esporádicos	1 1 1 -	“cocaína quando

Percurso dos consumos de drogas ilícitas			3/10	“tinha dinheiro”
		Deixou de existir	1 – 1/10	“Depois de começar a consumir heroína deixei a cocaína”
		Diários, após consumos esporádicos	1 1 1 1 – 4/10	“ao início era dia sim dia não, dia não, depois todos os dias”
	Frequência dos consumos de heroína	Inexistentes	1 – 1/10	“nunca consumi heroína, só cocaína”
		Diários, logo após a 1ª experiência	1 1 1 1 – 4/10	“experimentei hoje, amanhã voltei a experimentar ...bastou 4 dias que a pessoa já sentia”
		Diários, após consumos esporádicos	1 1 1 1 – 4/10	“Consumia uma vez ao fim de semana ... começou a ser todos os dias”
		Esporádicos	1 – 1/10	“fumava para aí uma vez por mês ... quando havia falha de haxixe agarrava-me a heroína, ou quando estava mais em baixo”
	Consumo de drogas ‘duras’ acompanhado/a	Sempre	1 1 1 – 3/10	“nunca gostei muito de consumir sozinho”
		Nos primeiros consumos	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 – 10/10	“No início era mais acompanhado”
	Consumos de drogas ‘duras’ sozinho/a	Depois de estar dependente	1 1 1 1 1 1 – 7/10	“Depois comecei a consumir sozinha, porque queria era consumir”
	Auto avaliação positiva do início dos consumos	Agrado em relação aos efeitos	1 1 1 – 3/10	“para mim foi positivo, era muito boa a moca que dava”
	Auto avaliação negativa do início dos consumos	O início dos consumos de canábis levou ao consumo de ‘duras’	1 1 1 1 – 4/10	“porque um mês depois do haxixes, já estava na heroína”
		Perde-se muito mais do que se ganha	1 1 1 – 3/10	“Foi negativo, perdi muito mais do que ganhei”

Consequências dos consumos	Consequências positivas dos consumos	Bem-estar a curto prazo	1 1 – 2/10	“tem um aspeto positivo, é o bem estar, que dá a curto prazo só”
	Problemas de saúde devido aos consumos	Internamentos hospitalares	1 1 1 – 3/10	“fui parar várias vezes ao hospital por overdose”
		Doenças infectocontagiosas	1 1 – 2/10	“eu apanhei o HIV, através de troca de seringas”
	Problemas a nível ocupacional devido aos consumos	Abandono da escola	1 1 – 2/10	“deixei a escola porque já andava a consumir droga, e a partir daí foi só droga”
		Despedimento	1 1 1 1 – 4/10	“eu consumia para tudo, para ir trabalhar e isso fez-me perder muitos trabalhos”
	Problemas nas relações interpessoais devido aos consumos	Problemas conjugais	1 1 1 1 – 4/10	“discutia constantemente com o meu companheiro”
		Vítima de agressões	1 – 1/10	“últimos anos da minha vida levei mais porrada, da minha mãe, do que quando era adolescente”
		Problemas familiares	1 1 1 1 1 – 6/10	“porque a família anda toda chateada comigo”
	Problemas a nível social devido aos consumos	Julgamentos/estigma	1 1 – 2/10	“já não te olham da mesma maneira, toda a gente faz julgamentos”
	Problemas a nível pessoal devido aos consumos	Perda do amor-próprio	1 1 1 1 – 4/10	“perdemos o amor a nós próprios”
		Ruína total	1 1 1 1 1 – 5/10	“batemos no fundo do poço mesmo, em todos os aspectos”
		Perda das capacidades de resolução de problemas	1 1 1 – 3/10	“eu já não consegui lidar com os meus problemas do dia a dia”
	Paragens nos consumos de drogas ilícitas	Paragem nos consumos sem tratamento	Deslocação geográfica como recurso	1 1 – 2/10
Paragem nos consumos com		Com metadona	1 1 – 2/10	“embora tomasse a metadona, tive

	tratamentos			pouco tempo sem consumos”
		Internamento em comunidade terapêutica	1 1 – 2/10	“tive em tratamento durante um ano, mas ... recaia, recuperava”
		Desintoxicação	1 1 – 2/10	“já fiz muitas desintoxicações, ia ao médico dava-me medicação e fazia em casa”
	Longo período de tempo sem consumos	Mais de 5 anos	1 1 – 2/10	“consegui parar de vez, durante 15 anos”
	Curto período de tempo sem consumos	Meses	1 1 1 1 – 4/10	“tive pouco tempo sem consumos, alguns meses só”
		Menos de 5 anos	1 1 – 2/10	“2 anos, foi a que tive mais tempo limpo”
Inexistência de pausas nos consumos	1ª pausa no tratamento atual	1 1 – 2/10	“desde dos meus 13 anos até agora, foi sempre só droga e droga ”	
Recaídas nos consumos	Recaídas na droga de eleição		1 1 1 1 – 4/10	“eu recaí na heroína a droga que sempre gostei”
	Recaídas com substituição da droga de eleição	Drogas ilícitas para drogas das smartshops	1 – 1/10	“caí numa droga das drogas da smartshops porque achava que não viciava”
		Drogas ilícitas por álcool	1 1 1 – 3/10	“comecei a consumir álcool, embora tivesse aceso as drogas optei pelo álcool, fiz uma substituição”
Percurso nos	Início dos crimes após o consumo de drogas ilícitas	Durante o 1º ano de consumos	1 1 – 2/10	“16anos, logo a seguir de ter começado andar na droga”
		Após anos de consumos	1 1 1 1 1 1 1 – 8/10	“comecei passado 2/3 anos, porque precisava para a droga”
	Tráfico como 1º crime		1 1 1 – 3/10	“com 15 anos comecei a traficar haxixe”
	Furtos como 1º crime		1 1 1 1 – 4/10	“roubava carteiras”
	Assaltos a		1 1 1 –	“o meu 1º crime

crimes	estabelecimentos como 1º crime		3/10	foi vandalizar, porque é assim, nós entrávamos em tudo o lado que queríamos e nos apetecia”
	1º crime por motivação própria	Como recurso para consumir	1 1 1 1 1 1 1 1 – 8/10	“já tinha uma ressaca precisava de dinheiro”
		Como recurso para um nível de vida melhor	1 1 – 2/10	“Porque dava muito dinheiro eu via que dava muito mais dinheiro do que trabalhar”
	1º crime sob efeito de substâncias	Álcool	1 1 1 – 3/10	“Estava alcoolizada”
		Cannabis	1 1 1 1 – 4/10	“Como sempre tinha fumado charros”
		Heroína e/ou cocaína	1 1 1 – 3/10	“Tinha consumido heroína e cocaína”
	1º crime acompanhado/a	Grupo de pares	1 1 1 – 3/10	“Estava acompanhado com os meus amigos da altura”
	1º crime sozinho/a		1 1 1 1 1 1 1 – 7/10	“eu comprava uma grama de heroína e vendia”
	Prática de um único crime	Como recurso para consumir	1 1 – 2/10	“nunca mais o fiz mesmo continuando a consumir”
	Prática de um só tipo de crime	Evolução relacionado com o aumento dos consumos de drogas ilícitas ‘duras’	1 1 -2 /10	“só roubei, violência eu nunca usei, eu sou contra a violência, mas furtei e cada vez mais”
	Outros crimes cometidos	Tráfico	1 1 – 2/10	“e não consumisse e não precisasse de dinheiro para isso não tinha começado a traficar”
		Roubos/assaltos	1 1 1 1 – 4/10	“comecei a roubar, para ter dinheiro para a droga”
	Necessidade de evoluir na prática de crimes	Associado ao consumo drogas ‘duras’	1 1 1 1 1 1 1 1 – 8/10	“começou a ser elevada, porque a gente quando consome depois mais quer”
	Consequências	Problemas a	Perda de identidade	1 1 1 1 –

Percursos nos crimes

dos crimes	nível pessoal devido a prática de crimes		4/10	valores, deixei de ser quem era”
		Mau estar psicológico/emocional	1 1 1 – 3/10	“vivo diariamente com isso na minha cabeça, com muita culpa”
	Problemas a nível judicial devido a prática de crimes	Pena suspensa	1 1 - 2/10	“Apanhei dois anos e meio de pena suspensa”
		Trabalho comunitário	1 – 1/10	“tive uma pena de fazer 2 meses trabalho comunitário”
		Pena de prisão	1 1 – 2/10	“Depois fui preso”
	Problemas nas relações interpessoais devido à prática de crimes	Problemas conjugais	1 1 – 2/10	“minha mulher ficou muito chateada comigo, muito mesmo, quando soube que fui eu que roubei”
		Perda de confiança por parte dos familiares	1 1 1 1 1 – 6/10	“desconfiança por parte dos meus pais e dos meus irmãos”
		Quebra de relações familiares	1 – 1/10	“a minha mulher abandonou-me na prisão”
	Proveitos financeiros, devido à prática de crimes		1 1 – 2/10	“com o tráfico fiquei muito bem na vida”
	Motivação para acabar com a prática de crimes	Motivação própria para acabar com os crimes	Problemas judiciais	1 1 – 2/10
Medo de cumprir pena judicial			1 1 – 2/10	“com o medo parei antes que fosse também apanhado”
Mau estar psicológico/emocional			1 – 1/10	“fez-me não quer desiludir mais a mim próprio”
Fim da prática de crimes associada ao fim dos consumos		Crime, só como recurso para os consumos	1 1 1 1 – 4/10	“se deixar a drogas deixo de cometer crimes”
Factores externos associados ao fim dos crimes		Vontade de reincidir no crime, mas falta de recursos	1 – 1/10	“sai do meio quando tive preso ... eu não tinha dinheiro para recomeçar, porque se eu tivesse dinheiro não sei se

				“tinha deixado”
Fim da prática de crimes sem fim nos consumos	Fim da prática de crimes relacionado com a substituição das drogas ilícitas	Não necessitava de tanto dinheiro	1 1 1 – 3/10	“optei por beber o álcool o meu pai ia tendo em casa e pedia dinheiro aos meus pais”
	Fim da prática de crimes continuando o consumo de drogas ilícitas	A metadona como uma ajuda para controlar os consumos	1 – 1/10	“se não tivesse a metadona seguramente tinha cometido mais crimes ... dava para me segurar e consumir só quando tinha dinheiro”
		Medo de cumprir pena judicial	1 1 1 – 3/10	“quando soube que a polícia andava atrás de mim, com medo que acusassem parei”
	Recursos para os consumos após o fim da prática de crimes	Trabalho	1 1 1 – 3/10	“trabalhar, e tinha ajuda a minha patroa que sabia do meu problema, eu pedia-lhe dinheiro e ela emprestava-me”
		Ajuda da família	1 1 1 – 3/10	“meu irmão me via tão mal e era uma compra legal optava por me dar o dinheiro”
		Pedir na rua	1 – 1/10	“optei por pedir para na rua, não ter mais problemas com a justiça”
	Perspetiva dos/as participantes sobre a influência do meio no consumo de drogas	O meio influenciou o consumo de drogas	Consumos na família	1 1 – 2/10
Zona de habitação social			1 1 1 1 1 – 5/10	“eu vivia era num bairro social onde havia muito tráfico e também consumos”
Consumos do grupo de			1 1 1 1 1	“descobri que eles

		pares	1 1 – 7/10	também consumiam heroína e eu quis experimentar “
		Problemas familiares	1 1 1 – 3/10	“os meus pais não tinham uma relação muito boa ... assiste a discussões e agressões em que eu e o meu irmão tínhamos de separar”
Perspetiva dos/as participantes sobre a influência do meio na prática de crimes	O meio influenciou a prática de crimes	Incentivos externos	1 1 1 – 3/10	“porque eu comecei com eles, eles é que me incentivaram a ir roubar com eles”
		Zona de habitação social	1 1 1 1 – 4/10	“principalmente o ambiente pesado dos amigos e do bairro onde vivia”
		Interação com pessoas com comportamentos desviantes	1 1 1 1 – 4/10	“não tive ninguém que me dissesse que não devia fazê-lo, porque eram todos como eu ou pior”
	O meio não influenciou a prática de crimes	Iniciativa própria	1 – 1/10	“Não, até porque o fiz sozinha. Foi só mesmo o desespero de quer consumir”
Perspetiva dos/as participantes se há interligação entre droga e o crime em geral	Droga e crime interligados	Droga é ilegal, logo é crime	1 1 – 2/10	“só tê-la no bolso já é um crime”
		Onde há droga há crime	1 1 1 1 1 1 1 1 – 8/10	“toxicodependente chega a um ponto que só com o crime consegue ter dinheiro para os consumos”
Prespetiva dos/as participantes sobre se há ou não correlação entre droga e crime, nas suas trajetórias	Droga causou o crime	No caso pessoal	1 1 1 1 1 1 1 1 – 8/10	“foi os consumos que me levaram ao crime, por necessidade”
	Crime pode causar o consumo de drogas	Pouco frequente	1 1 1 – 3/10	“crime também pode levar a droga para terem mais coragem”
	Droga e crime relacionados mas sem causalidade	Só mais tarde é que o consumo de drogas ilícitas, passou a ser a causa dos crimes	1 1 – 2/10	“comecei a traficar porque queria dinheiro fácil”
	Não há correlação entre	Crime, só como recurso para ter um	1 – 1/10	“porque eu só consumia haxixe e

	droga e crime	nível de vida melhor		álcool ... e para isso tinha dinheiro”
Perspetiva dos/as participantes se há diferença entre drogas ‘leves’ e drogas ‘duras’	Há diferenças entre drogas ‘duras’ e ‘leves’	Drogas ‘duras’ causam mais danos	1 1 1 1 – 4/10	“as drogas duras foram as que me causaram maiores danos”
		O consumo de drogas ‘leves’ leva ao consumo de ‘duras’	1 1 - 2/10	“uma pessoa que consuma drogas leves, mais tarde vai quer sempre experimentar coisas novas”
	Não há diferenças, entre drogas ‘leves’ e ‘duras’	Todas as drogas fazem mal	1 1 1 1 – 4/10	“quer dizer droga é droga e todas alteram o sistema da pessoa”